

ANA PAULA RABELO

SISBI/UFU



1000223252

MON
341509
P.114.00-
TESTIMON

**MEIO AMBIENTE, EDUCAÇÃO E ARTE NA PERSPECTIVA
DO PROJETO EmCantar: uma contribuição à educação formal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vânia Rubia Farias Vlach

**UBERLÂNDIA/MG
2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Biblioteca
SISBI/UFU
D 223252

FU000 345362

Ficha Catalográfica

Elaborada pelo Departamento de Catalogação da Biblioteca da UNITRI
Bibliotecária responsável: Gizele Cristine Nunes do Couto CRB6/2091

R 114 m

Rabelo, Ana Paula.

Meio ambiente, educação e arte na perspectiva do Projeto
EmCantar: uma contribuição à educação formal [manuscrito] / Ana
Paula Rabelo. -- Uberlândia: UNITRI, 2005.
xi, 92 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
2005.

“Orientação: Profª. Dra. Vânia Rubia Farias Vlach.”

1. Meio ambiente. 2. Ecologia. 3. Educação sócio ambiental.
4. Geografia e gestão de território – tese. I. Vlach, Vânia Runia Farias.
II. Título.

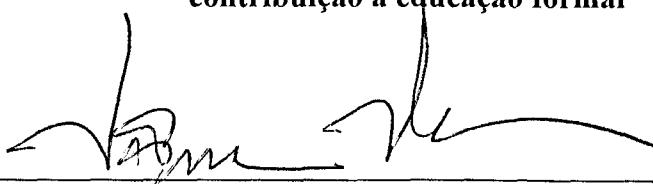
CDU: 504:316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

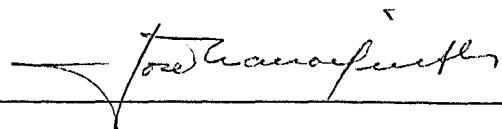
Programa de Pós-Graduação em Geografia

ANA PAULA RABELO

**Meio Ambiente, Educação e Arte na Perspectiva do Projeto Emcantar: uma
contribuição à educação formal**



Profa. Dra. Vânia Rúbia Farias Vlach (orientadora) - UFU



Prof. Dr. José Manoel Pires Alves - UCB



Profa. Dra. Vera Lúcia Salazar Pessôa - UFU

Data: 13/08 de 2005

Resultado: Aprovada

À minha família, em especial, meus sobrinhos **Larissa, Paulo Sérgio, Geovanna e Magnólia Helena.**

Ao **Leonardo**, pela sua importância em minha vida, além do companhierismo e incentivo.

Ao idealizador e fundador do Projeto EmCantar. Anjo cantador, **Querubim** poeta, semeador de sonhos. Presença imprescindível na concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto da vontade de contribuir para a valorização do ensino público, mediante as experiências vivenciadas durante os oito anos de existência do Projeto EmCantar. Posicionar-me para pesquisar e registrar as atividades em parceria com as escolas constituiu um momento que, mediado por angústias, incertezas e limitações de ordem metodológica e técnica, acabaram contribuindo para o meu crescimento, no sentido de formular um novo “olhar” sobre a educação.

Ao concluir este trabalho, certifico-me que muitas práticas pedagógicas inovadoras estão acontecendo no ensino público: propostas que ainda fazem “brilhar o olho” e encantam a “meninada” que se inicia na caminhada rumo ao conhecimento formal. É interessante perceber o entusiasmo de alguns educadores, somado ao interesse do Projeto EmCantar em colaborar com seu jeito lúdico, poético e artístico no sentido de promover momentos significativos na vida de crianças que, muitas vezes, são furtadas até mesmo do direito de brincar.

A concretização desta pesquisa só foi possível graças ao apoio e colaboração de diversas pessoas. Desta maneira, resta-me agradecer, sem reservas, a todas aquelas que, direta ou indiretamente, contribuíram na execução deste trabalho.

À minha orientadora Dra. **Vânia Rubia Farias Vlach**, por acreditar na proposta da pesquisa e não medir esforços para a concretização do trabalho.

Ao professor Dr. **José Manoel Pires Alves**, pela grande contribuição ao texto, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo.

Aos professores Dr. **Oswaldo Marçal Júnior** e Dra. **Vera Lúcia Salazar Pessôa**, pela ajuda na organização do trabalho.

Aos professores Dr. **Manfred Fher** e Dr. **David George Francis**, pelos valiosos ensinamentos sobre o meio ambiente.

À minha querida mãe, **Teresinha Borges Rabelo**, por me ensinar, com seu exemplo e paixão, a encarar o espaço escolar como uma possibilidade de formar plenamente o cidadão.

E ao meu pai, **Aguiar Alves Rabelo**, exemplo de simplicidade. Você me ensinou a amar e aceitar as pessoas como elas são. Agradeço aos dois pelas minhas conquistas.

A todos os participantes do Projeto EmCantar, em especial os **Irmãos da Lua** e **Guardiões da Terra**, pelo empenho em me ajudar, e acima de tudo, pela amizade que nos une. Amo vocês!

Aos amigos: **Maíra de Ávila**, **Marco Aurélio Querubim**, **Franciele Diniz** e **Ênio Bernardes**, pela ajuda na revisão e organização dos textos; **Ioleides Cabral**, pelas fotos; **Nádia Cristina Santos**, pelo apoio “geográfico”; **Mirtes Júlia Ferreira**, pela transcrição das fitas; e **Marcelo Mamede**, pela presença amiga nas horas de “sufoco”.

Às **diretoras** das escolas parceiras, pelo apoio e disponibilidade.

Aos meus queridos professores **Vilmar Antônio Coelho** e **Maria Teresinha Faria Coelho**, por contribuírem diretamente em minha formação como pessoa e pelas conversas sobre educação que muito enriqueceram este trabalho.

Às **educadoras**: **Natalícia Maria de Jesus**, **Maria Perpétua da Glória Oliveira**, **Maria Francisca de Araújo**, **Maria Anália do Carmo Vieira**, **Wânia Maria de Oliveira**, **Rosa Maria de Almeida Souza**, **Gláucia Pinheiro Ruas**, **Deonice das Graças Silva**, **Cláudia Momenté Guardieiro Sousa**, **Wânia Marilin**, **Vera Lúcia Rosa de Carvalho Godoy**, **Helenice Maria de Oliveira**, **Francisca Guerra**, **Silvana Lima**, **Ana Lúcia Dias**, **Valderez Aparecida** e **Joana Darc Ferreira Barbosa**, pelos depoimentos cedidos.

Às **crianças**: **Thaís Catarina dos Santos**, **Monique Cristina Pereira Rodrigues**, **Marcos Vinícius da Silva Alves** e **Patrocínio José da Silva Neto**, pelos depoimentos cedidos.

Gostaria de poder registrar o nome e o depoimento de cada um, mas o espaço não permite, então cabe a vocês a responsabilidade de representar as outras 426 crianças participantes das oficinas do Projeto EmCantar.

Aos **multiplicadores** Mariana Rodrigues, Mariane de Ávila, Maíra de Ávila, Júnior Pinheiro, Ana Carolina Ferreira Francisco, Nádia Cristina dos Santos, Mirtes Júlia Ferreira, Carlos Renato Ribeiro e Francine Rezende pelos depoimentos cedidos.

Ao meu querido Leonardo (**Leleco**), por estar sempre ao meu lado, compartilhando angústias e conquistas.

Aos **amigos** que fiz no mestrado: Leonardo, Tatiana, Olinda, Suely, Ana Flávia, Valéria, Roberta, Ricardo e tantos outros. Com vocês aprendi muito.

À Eliane Garcia Melgaço e Ana Flávia Martins (Instituto Algar de Responsabilidade Social). Ao Paulo Dias, Ronaldo Pacheco (**Engeset**) e à Ludmila Monteiro (**ABC INCO**) por caminharem lado a lado e compartilharem dos ideais de educação empreendidos pelo Projeto EmCantar.

Ao Marcelo **Branco**, do Estúdio F7 de Criação. A “boniteza” visual desse trabalho é responsabilidade sua. Muito obrigada!

Ao nosso querido **Reginaldo** (Reagge) pelos “passeios de van” no trajeto Araguari-Uberlândia.

Aos **catadores**: Cláudia, Eurípedes, Cristina, Divino, Rosilene, Edmélia e ao “Seu Francisco”, presidente da CORU (Cooperativa dos Recicladores de Uberlândia), parceiros do Projeto EmCantar.

À minha querida amiga Maria da **Penha** Vieira Marçal, amizade conquistada durante o mestrado que fez toda a diferença em minha vida. Agradeço à sua família (Hugo, Paula, Fernanda e Hugo Filho) por fazerem de sua casa em Patos de Minas meu segundo lar. Não

poderia esquecer de Olinda, dona da receita do melhor pão caseiro do mundo! Penha, “Xuxu”, você sempre será meu “co-piloto”.

Ao técnico de informática **Humberto** Duarte Caixeta, pela incrível disponibilidade em trabalhar comigo (no domingo) para formatar este trabalho.

E a **Deus**, pela oportunidade de estar aqui, compartilhar a vida, pertencer e participar desse momento.

RESUMO

Esta pesquisa faz uma abordagem sobre as atividades socioambientais e artísticas empreendidas pelo Projeto EmCantar em parceria com dez escolas públicas do município de Uberlândia-MG. O Projeto EmCantar é uma Organização não Governamental (ONG), sem fins lucrativos, que tem como objetivos a promoção da responsabilidade com o espaço ocupado, a disseminação da cultura popular e da arte como expressão do “Viver para o Ser”. Decidimos pesquisar e registrar essas atividades realizadas no espaço escolar com alunos e educadores pela oportunidade de identificar uma possibilidade educacional de discutir questões socioambientais levantadas, analisadas e postas em prática pelos próprios participantes. Assim, fizemos um levantamento da estrutura de atuação do Projeto EmCantar, partindo de seu início e razão de ser, analisando a formação de multiplicadores, a organização de suas diretrizes até a efetivação de sua parceira com as escolas. Para tanto, acompanhamos as oficinas ministradas semanalmente aos alunos e mensalmente aos educadores, registrando, por meio de fotos e colhendo depoimentos dos primeiros integrantes, que hoje coordenam as atividades, e dos demais participantes. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, por permitir maior envolvimento de todos os atores da pesquisa. Ao acompanhar a gravação do CD Mutirão (segundo CD do Projeto EmCantar) e a produção de desenhos animados com temáticas ambientais, que contaram com a participação direta das crianças, verificamos as possibilidades de reflexão e ação promovidas pela linguagem artística. A intenção de nosso trabalho é contribuir no fortalecimento de ações que buscam uma nova cultura escolar, pautada na interação entre sociedade e meio ambiente e na participação crítica e consciente da escola no contexto social. Certificamos ainda que muitas práticas pedagógicas inovadoras estão acontecendo no ensino público e existe uma vontade em consolidar uma Educação Ambiental que produza a qualidade de vida que almejamos.

Palavras-chave: Meio ambiente. Indivíduo. Educação socioambiental. Arte.

ABSTRACT

The research approaches the socio-environmental and artistic activities undertaken by the *Projeto EmCantar*, in partnership with ten public schools of Uberlândia-MG. The *Projeto EmCantar* is a Non-Governmental Organization (NGO) that has as objectives the development of a responsibility with the space to be occupied, the dissemination of the popular culture and of the art as an expression of life. We decided to research and register the activities accomplished in the school environment, with students and educators, in order to identify an educational possibility to discuss socio-environmental issues which are analyzed and experienced by the participants. The performance of the *Projeto EmCantar* had its principles studied in order to analyze the formation of multipliers and the organization of its guidelines towards the partnership with the schools. For that, we attended the workshops that had a weekly program for the students and a monthly program for the teachers. The work was registered through pictures and interviews were done with the first members – that coordinate the present activities – as well as with the other participants. The methodology was the research-action, to allow a better participation of all the subjects. When accompanying the CD Mutirão (collective effort recording) which was the second CD of the *Projeto EmCantar*, and the production of cartoons with environmental themes that had the children's direct participation, we verified the possibilities of reflection and action that were conveyed by the artistic language. The intention of our work is to contribute to the invigoration of actions that look for a new school culture, ruled by the interaction between society and environment and by the critical and conscious participation of the school in the social context. We also verified that many innovative pedagogical practices are taking place in the teaching of public schools and that there is a will to consolidate an Environmental Education that produces the life quality that we have longed for.

Keywords: Environment – Subject – Socio-environmental education – Art.

LISTA DE FIGURAS

1 - Primeiras atividades regulares do Projeto EmCantar. Araguari (MG).....	7
2 - Estrutura Organizacional do Projeto EmCantar	14
3 - Conceitos Trabalhados pelo Projeto EmCantar.	20
4 - Atividades na E. E. “Mário Porto”.....	21
5 - Localização das escolas parceiras do Projeto EmCantar	22
6 - Dinâmica de funcionamento do Projeto EmCantar	27
7 - Oficina com professores.....	29
8 - Panorama da Parceria do Projeto EmCantar com escolas públicas	35
9 - Atividades socioambientais com alunos e educadores.....	43
10 - Atividades recreativas do Projeto EmCantar.	49
11 - Coleta multiseletiva.....	51
12 - Oficina sobre recicláveis com alunos.....	54
13 - Atividades lúdicas com educadores.	59
14 - Convidados para a gravação do CD <i>Mutirão</i>	65
15 - Participação de alunos na gravação do CD <i>Mutirão</i>	66
16 a - Produção de desenhos animados.	71
16 b - Produção de desenhos animados.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I - RAZÃO DE SER DO PROJETO EMCANTAR E SUA TRAJETÓRIA	6
1.1 - A música e o encantamento	6
1.2 - O início da construção do relacionamento com a Educação Formal.....	9
1.3 - A transição do Projeto EmCantar para Organização Não Governamental e a consolidação da parceria com escolas públicas	12
1.4 - Natureza e Sociedade se Relacionam no Tempo e no Espaço	25
II - O PROCESSO EDUCACIONAL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE	34
2.1 - A proposta lúdica do Projeto EmCantar em parceria com escolas públicas: o início do trabalho	34
2.2 - Educação e sociedade: uma reflexão sobre novas formas de educar.....	38
2.3 - A importância da geografia e da apreensão do espaço geográfico no processo educacional	40
2.4 - O mercado de trabalho e sua relação com a estrutura educacional	45
2.5 - A contribuição da proposta do Projeto EmCantar para o cotidiano das escolas parceiras	48
2.6 - Relacionamento responsável com o espaço ocupado.....	49
III - ESPAÇO, CULTURA, EDUCAÇÃO E ARTE NA PERSPECTIVA DO PROJETO EMCANTAR: frutos da parceria com escolas públicas	58
3.1 - Interações da Arte com as demais dimensões do ser humano	58
3.2 - A arte como expressão do “Viver para o Ser”: oposição entre a arte como manifestação inata do ser humano e as distorções da indústria cultural.....	63
3.3 - O fazer artístico e a questão socioambiental: novas leituras do mundo na perspectiva das crianças.....	70

3.4 - Educação e arte: alternativas para se pensar melhor o espaço.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	92
Anexo A.....	92
Anexo B	93
Anexo C.....	94
Anexo D.....	95
Anexo E.....	96
Anexo F.....	97

INTRODUÇÃO

“O mundo não é. O mundo está sendo!” (FREIRE, 2003, p. 76). A partir dessa observação, percebemos que o que se encontra no mundo também se refaz a todo o momento. Na vida, esse movimento é permanente. O processo histórico da humanidade, em que homens e mulheres transformam o mundo e são por ele transformados, mostra o quanto a existência humana está impregnada de mudanças, de buscas individuais e sociais, diante das incertezas desse mesmo mundo.

Nossa intenção, por meio deste trabalho, é problematizar a forma de abordagem da educação ambiental realizada no espaço escolar e analisar a proposta de trabalho desenvolvida pelo Projeto EmCantar, para promover a adesão de crianças e adultos, contribuindo para uma visão mais sistêmica e abrangente das questões socioambientais de nosso tempo. Essas questões foram analisadas por meio do acompanhamento das atividades realizadas pelo Projeto EmCantar em parceria com 10 escolas públicas do município de Uberlândia-MG (cf. capítulo I).

Para desenvolver o tema de nossa pesquisa, sentimos necessidade de uma metodologia que se aproximasse ao máximo do movimento realizado nas escolas a partir dessa parceria. Algo parecido com a proposta do método Paulo Freire, em que o desejo ultrapassa a vontade de, simplesmente, testar e colocar em prática um novo método de alfabetização de adultos. Sua intenção era, por meio deste método, promover um novo sentimento de mundo, um outro olhar; uma nova crença no valor e no poder da educação. Brandão (1985), argumenta que

a questão é que Paulo Freire não propôs um método entre outros. Um método psicopedagogicamente diferente e, quem sabe?, melhor. Antes de fazer isso ele investiu aos brados com uma educação contra outras. Por isso, depois de falar contra que educação a sua se apresenta e como é que a educação em que ele crê, é preciso dizer contra que tipo de mundo ele acredita em um outro, e por que crê que a educação que reinventa pode ser um instrumento a mais no trabalho de os homens o criarem, transformando este que aí está. Mas, que homens? De que mundo? (p.15).

Assim, a pesquisa-ação nos pareceu ser o mais apropriado, pois permite que as pessoas, envolvidas de alguma forma com a estrutura da educação formal, reflitam sobre sua prática para, assim, construir coletivamente alternativas educacionais. Thiolent (2003) observa que

a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional (...). Trata-se de um método, ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com as quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação. (p.25).

Em relação aos procedimentos metodológicos, optamos pela participação direta nas atividades realizadas pelo Projeto EmCantar com as escolas parceiras, visando compreender como alunos e professores do ensino fundamental reagem diante de uma proposta diferenciada, que mescla arte e educação, buscando disseminar uma proposta socioambiental no cotidiano escolar. Nesse sentido, entendemos por proposta socioambiental um conjunto de atividades realizadas pela comunidade escolar que visem promover uma postura mais comprometida com o contexto social e com a preservação da vida. Por isso a utilização do termo socioambiental, pois, na perspectiva do Projeto EmCantar sociedade e ambiente se misturam no espaço ocupado.

Para alcançarmos nossos objetivos, participamos, desde março de 2003, das oficinas ministradas para alunos e educadores, registrando as ações e seus resultados por meio de fotos e depoimentos. Em nossa metodologia optamos pela construção de um espaço de debates em que os participantes das oficinas pudessem se expressar das mais variadas formas (discussões teóricas, trabalhos de campo, trabalhos com o corpo, exercícios musicais etc.)

Acompanhamos, também, parte da gravação do segundo CD do Projeto EmCantar, realizada em 2002/2003, e a produção de uma fita de desenhos animados através de oficinas com crianças das escolas parceiras. Tais registros serão abordados no decorrer do trabalho.

Para compreendermos melhor a proposta de uma educação socioambiental não fragmentada, que parta do indivíduo e faça sentido em sua existência, nos apoiamos em Freire (2002, p. 24), quando afirma que “é preciso, sobretudo (...) que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Conceber o mundo sistematicamente é transcender a dimensão que hoje se dá à educação, de um modo geral. Adestrar as pessoas para que se movam e se produzam mecanicamente, sem uma tomada de consciência de seu espaço e das implicações de seus atos, tem sido uma dinâmica desastrosa para o futuro da humanidade no planeta. O ritmo imposto pela pós-modernidade desconecta as atuações humanas, não permitindo o encontro de suas várias dimensões.

Pensar e agir no mundo de forma sistêmica parece ser o caminho mais viável para um retorno à concepção da vida como um bem precioso e, por isso, carente de cuidado. Voltar a contemplar o mundo e nos sentir parte dele não significa, em nosso entendimento, um regresso, uma proposta retrógrada. Muito pelo contrário! Possibilitar às futuras gerações uma visão mais substancial e aprofundada acerca do movimento das coisas é garantir um equilíbrio

entre a vontade de chegar ao limite das capacidades humanas e, ao mesmo tempo, garantir a relação simbiótica do ciclo natureza, sociedade e desenvolvimento. Para Serres (1991),

uma espécie viva, a nossa, consegue excluir todas as outras de seu nicho agora global: como poderiam nutrir-se ou habitar o que nós cobrimos de imundície? Se o mundo sujo corre algum perigo, isto provém da nossa exclusiva apropriação das coisas. Esqueça a palavra meio ambiente, muito usada nessas questões. Ela supõe que nós, seres humanos, estamos instalados no centro de um sistema de coisas que gravitam em torno de nós, umbigos do universo, senhores e possuidores da natureza. Isto lembra uma era passada, em que a terra (como se poderia imaginar que ela nos representasse?), situada no centro do mundo, refletia o nosso narcisismo, este humanismo que nos lança no meio das coisas ou em sua realização excelente. Não. A terra existiu sem os nossos inimagináveis ancestrais, poderia muito bem existir hoje sem nós, existirá amanhã ou mais tarde ainda, sem nenhum dos nossos possíveis descendentes, mas nós não podemos viver sem ela (p. 45).

A idéia de discutir a intervenção do Projeto EmCantar sob o ponto de vista da geografia deu-se em função da complexidade existente entre o meio ambiente físico e as demais esferas da vida. Colocar em pauta os problemas ambientais sem discutir a pessoa e suas ações, bem como a pirâmide de valores elaborada nas últimas décadas e a crescente personificação do mercado de trabalho, da globalização e do neoliberalismo, resulta numa visão fragmentada, superficial e “romântica” acerca dos problemas do mundo. Assim, a abordagem que procuramos fazer da geografia é aquela que a propõe enquanto saber estratégico, inserido no centro das discussões acerca dos problemas socioambientais da atualidade. E como tal, sua contribuição no processo formador do indivíduo é de suma importância. Na trajetória de nossa pesquisa, procuramos identificar a forma de abordagem do Projeto EmCantar com relação ao espaço ocupado e a sua atuação, enquanto projeto social, nesse espaço.

Para isso, abordaremos no capítulo I, a trajetória do Projeto EmCantar, o início de suas atividades em Araguari-MG, partindo de seu caráter informal para o desenvolvimento da

parceria com escolas públicas e a passagem de projeto informal para organização não governamental (ONG).

No capítulo II, o enfoque será dado para a visão de educação ambiental nas escolas parceiras antes da parceria com o Projeto EmCantar e para a proposta de educação socioambiental que foi e está sendo elaborada a partir das oficinas que tiveram como ponto de partida o relacionamento responsável com o espaço ocupado. Abordaremos também o processo tradicional da educação formal e seu posicionamento frente aos desafios socioambientais da atualidade, como a questão do consumo, da cultura do descartável e da má utilização dos recursos naturais, frutos da carência de uma visão sistêmica acerca da natureza e da sociedade. Além dessas questões, discutiremos a importância do pensamento geográfico no processo de apreensão do espaço e do modo de vida.

No capítulo III, identificaremos os frutos da parceria do Projeto EmCantar com as escolas e, fundados numa concepção da arte como expressão do ““Viver para o Ser””, aprofundaremos a questão da arte-educação como possibilidade de implementar, no cotidiano da educação pública, uma visão mais sistêmica e integral do mundo contemporâneo.

A Poesia

Projeto EmCantar

Cada um
no seu ritmo
na sua individualidade, descobrindo-se pelo cantar
em letras e músicas que fazem vibrar a alma
e o coração.
Enxergando um mundo profundo
sentindo emoção em conviver e comungar
com a natureza e os outros.
E, finalmente,
ENCANTANDO-SE consigo mesmo,
na percepção de SER
de PERTENCER e PARTICIPAR...

Marco Aurélio Querubim



I - RAZÃO DE SER DO PROJETO EMCANTAR E SUA TRAJETÓRIA

“Todo começo é involuntário”
Fernando Pessoa

1.1 - A música e o encantamento

Um grupo de pessoas reunidas pela música, pelo canto, pela amizade, pelo afeto e pela crença na possibilidade de transformação da coletividade. Assim nasceu a idéia de um projeto, hoje denominado Projeto EmCantar, disposto a possibilitar às crianças de Araguari-MG, cidade localizada na região do Triângulo Mineiro, o acesso à riqueza e à diversidade musical, principalmente a mineira, ainda pouco explorada nos meios de comunicação.

A primeira experiência ocorreu em dezembro de 1996, quando 13 crianças e um adulto reuniram-se para uma apresentação de música brasileira e canto gregoriano. Esse foi o primeiro encanto pois, a partir de então, começaram a surgir convites para apresentações em diferentes lugares, diferentes públicos. A cada novo encontro, a empolgação se revelava “no brilho no olho” de cada componente desse grupo. Foram momentos marcantes para os primeiros participantes dessa idéia. Por meio da música descobriram o prazer de conviver, pertencer e participar de um espaço de socialização pautado na vontade de estar junto, no prazer de cantar e no compromisso individual diante dos convites para apresentações musicais que começavam a surgir. Nesse aspecto, a música se configurava como o principal fundamento desse projeto.



Figura 1 - Primeiras atividades regulares do Projeto EmCantar. Araguari (MG)

Autor: COELHO, M. A. F / DINIZ, F. - 1997 / 1999

Nas palavras do idealizador¹,

a música sempre esteve presente com muita intensidade em minha vida, não como teoria, mas, primordialmente, como vivência. A pouca formação teórica que tive em música foi decorrência do meu interesse crescente por compreendê-la de outras formas. Além disso, música para mim sempre foi sinônimo de coletividade, ou seja, nunca consegui levar nada adiante sem antes desejar envolver outras pessoas. Se analisássemos isso sob um ponto de vista mercadológico — que não é o caso, mas vale a ilustração —, diria que jamais pensei em fazer “carreira solo”, porque minha carreira é coletiva. Tudo que experimento, aprendo e julgo valioso para mim, procuro disponibilizar ao acesso de mais pessoas, isto é, multiplicar, mas com a consciência de que a apreensão e valorização passam sempre pelo campo da subjetividade, o que torna o êxito da intenção em multiplicar necessariamente refém do modo particular de cada pessoa vivenciar as experiências propostas.

Essa vivência musical possibilitou aos primeiros integrantes do Projeto EmCantar um novo olhar diante do mundo: o olhar da arte. Para uma das participantes dos encontros², o encantamento pelo grupo e pela arte deveu-se ao fato de que, “*motivada pela vontade de*

¹ Marco Aurélio Querubim - Filósofo, pós-graduado em Filosofia Clínica, idealizador e fundador do Projeto EmCantar.

participar de tantos encontros legais que fazíamos com os primeiros integrantes do Projeto, antes mesmo de denominado EmCantar, eu, uma criança de 10 anos aprendendo com mais facilidade entre outras crianças quando nos reuníamos para discutir sobre vários assuntos e, principalmente, sobre nossa postura diante do mundo”.

Em função da necessidade de ensaios, os encontros passaram a ser periódicos. A poesia e a estética presentes nas letras e no estilo de compositores como Milton Nascimento, Fernando Brant, Saulo Laranjeira, entre outros, também era objeto de discussão. Em seu depoimento, o idealizador do Projeto EmCantar explica que

“a música é uma visita a quem a alma sempre abre a porta. Reunir crianças para realizar encontros motivados por um interesse comum em cantar proporcionou-me observar o extraordinário potencial que a música tem de fazer sonhar, brilhar os olhos, entusiasmar. A brincadeira seria, que inicialmente tinha a despretensiosa intenção de compartilhar com treze crianças canções de compositores brasileiros pouco divulgados pelos meios de comunicação, fez perceber que a convivência pelo cantar promovia um crescimento coletivo e uma formação que transcendia a experiência estética de um simples coral. Sentimentos de participação, pertencimento, afetividade, disciplina e responsabilidade fizeram nascer em cada integrante um compromisso espontâneo que impulsionou a permanência dos que já estavam e a ampliação da proposta a mais crianças. A definição mais precisa encontrada para significar aquele movimento intra e interpessoal de identificação e integração individual ao que estava acontecendo foi e tem sido durante esses oito anos a expressão “Projeto EmCantar”. Projeto não no sentido técnico da palavra, mas como processo no qual cada pessoa constrói-se permanentemente a si mesma”.

A criação desse espaço de aprendizagem e troca de experiências foi se consolidando no sentido de uma educação na qual cada indivíduo é um projeto permanente de pessoa em construção. — *Cada um, no seu ritmo, na sua individualidade, descobrindo-se..³.* e sua expansão se deu por despertar interesse em crianças que participavam com entusiasmo de todos os encontros. O primeiro fruto concreto desse trabalho deu-se com a gravação do CD

² Mariana Rodrigues Fernandes, 19 anos, integrante do Projeto EmCantar desde 1996.

³ Trecho de poesia escrita por Marco Aurélio Querubim em 1997, quando o Projeto EmCantar contava com 01 ano de existência.

EmCantar (Anexo A), em 1999, que marcou a ampliação do Projeto, até então restrito a Araguari-MG, para Uberlândia-MG.

1.2 - O início da construção do relacionamento com a Educação Formal

Em 1997, o Projeto EmCantar contava com 13 crianças e um adulto. Em 1999, os integrantes somavam 35 crianças e seis adultos, além de 11 pais que acompanhavam seus filhos e acabaram se envolvendo (alguns permanecem até hoje). Esse interesse das pessoas, principalmente das crianças, chamou a atenção de educadores que, assistindo às apresentações musicais, vislumbraram uma oportunidade de agregar seu estilo informal à dinâmica da educação formal praticada no espaço escolar, como afirma a diretora⁴ da primeira escola parceira do Projeto EmCantar:

com relação à mudança de comportamento das crianças, é perceptível a criança que faz parte do Projeto EmCantar. Podemos perceber pela escrita, se desenvolveram tanto na leitura como na escrita ... como seria bom se tantas outras escolas pudessem realmente estar participando desse momento, porque a contribuição que vem para o aluno dentro do cognitivo, o afetivo, o psicomotor, é realmente de admirar.

A educação, como colaboradora da formação das pessoas para a vida em sociedade, requer mudanças. Se seu objetivo é prepará-las para viverem em harmonia umas com as outras, sua atuação deve se dar levando em conta a complexidade implícita no existir coletivo. As pessoas são diferentes; cada ser traz em si concepções de mundo, crenças e experiências

⁴ Natalícia Maria de Jesus, diretora Escola Estadual Mário Porto.

que, de certo modo, as singularizam. O processo educacional, como parte desse contexto, deve estar atento a isso.

Como o Projeto EmCantar iniciou suas atividades com apresentações musicais, inúmeros profissionais da área da educação viram, nesse trabalho, que conseguia aglutinar crianças e jovens, uma forma de encantarem seus alunos e promoverem o mesmo entusiasmo que se via nessas apresentações musicais. Essa maneira de ser e sentir – o “encantamento” – aponta para um caminho oposto ao de uma visão educacional que, separada do todo existencial humano, se compartimenta e acaba por direcionar-se para um único lado: o do capital e suas implicações na sociedade. Educar para o mercado de trabalho e preparar os indivíduos para um futuro voltado para o aspecto tecnológico são princípios que vêm definindo o caráter das propostas educacionais e deixando de lado as outras dimensões humanas.

O interesse de instituições de ensino impulsionou o Projeto EmCantar a se organizar para desenvolver oficinas socioambientais⁵, definindo que seu público alvo seria formado por crianças, adolescentes e educadores. Essas oficinas começaram a ser ministradas pelos multiplicadores. O termo “Multiplicador” surgiu quando os primeiros integrantes do Projeto EmCantar foram convidados a oferecer e realizar, com outras pessoas, vivências, reflexões e oportunidades de formação semelhantes às que haviam tido nos primeiros anos do Projeto. A pergunta elaborada naquele momento foi: “*tudo o que vocês passaram no Projeto EmCantar até agora lhes proporcionou prazer, satisfação, alegria e realização pessoal? Se a resposta é positiva, vocês não acham que chegou a hora de deixarem de guardar só para si o que tanto gostam e oferecerem isso também ao mundo para fazê-lo melhor?*”

A partir daí, nasceu o conceito de Multiplicador: um educador ou educadora popular, comprometido(a) com a disseminação dos valores e das práticas de formação humana

⁵ Esse termo é utilizado pelos multiplicadores do Projeto EmCantar por entenderem que não há como separar cultura e meio ambiente, uma vez que esses dois conceitos se materializam no cotidiano e na ação das pessoas

empreendidos pelo Projeto EmCantar. Para os primeiros integrantes, multiplicar as ações construídas ao longo de oito anos de caminhada foi uma experiência de extrema relevância, pois tiveram e estão tendo a oportunidade de se formarem, tanto pessoal quanto profissionalmente para algo que realmente foi uma opção deles. Essa análise é baseada nos depoimentos registrados durante as oficinas que acompanhamos. Para uma das multiplicadoras⁶: “*O trabalho enquanto multiplicadora em escolas se depara às vezes com vários entraves: vão desde dificuldades com o espaço para realização de atividades até os inúmeros problemas pessoais que cada participante carrega consigo. No entanto, é muito gratificante trabalhar educação numa perspectiva em que o respeito às individualidades e a vontade são as premissas, visto que, dessa forma, são estabelecidos laços afetivos que cada vez mais fortalecem nossa causa, que é a transformação social. E a arte, mais especificamente a música, que nos faz ter contato com aquilo que há de mais essencial no ser humano, é fundamental para que possamos tentar instigar nos participantes das oficinas do Projeto EmCantar a reflexão sobre o sentido que damos à nossa vida, à maneira como cuidamos do espaço onde vivemos, além da forma como lidamos com cada ser que está presente no mundo*”.

Outra multiplicadora⁷ afirma que “*ser um multiplicador implica em repassar (multiplicar) coisas que nos causam prazer, bem-estar, e responsabilidades para comigo e com o meio onde passo e faço parte. Ser um multiplicador e atuar em oficinas é uma possibilidade de fazer algo diferente na escola. Propor novas atividades aos alunos, estabelecer momentos de reflexão sobre a nossa atuação no meio onde moramos, e que chamamos de meio-ambiente/natureza. Promover momentos para ser criança, com toda a sua complexidade e vontade. Enfim, buscar uma nova maneira de educar*”.

⁶ Maíra de Ávila, integrante do Projeto EmCantar desde 1996, multiplicadora nas escolas: E.E. Prof. Alice Paes, E.M. Prof. Sérgio de O. Marquez e E.E. Padre M. Forestan.

⁷ Mariane de Ávila, integrante do Projeto EmCantar desde 1996, multiplicadora na E. M. Hilda Leão Carneiro.

Nas atividades realizadas pela equipe de multiplicadores, é visível a forte presença da música, não como um “recurso pedagógico”, mas como uma linguagem capaz de envolver e cativar os participantes da oficina. Nesse aspecto, um dos multiplicadores⁸ nos mostra que “*estar atuando como educador popular é primeiramente desenvolver através da oficina uma nova cultura escolar, que a gente busca a todo tempo dentro da escola. É acima de tudo, trabalhar com a vontade. Uma experiência muito boa pra mim, porque trabalhamos muito com a música. E é com a música que eu me identifico, e procuro passar isso para as crianças*”.

Durante o período de março de 2003 a março de 2005 em que participamos das oficinas do Projeto EmCantar, foi possível perceber que a vontade sempre despontou como pré-requisito para a participação; nenhuma atividade proposta foi colocada como imposição, mas sim, como possibilidade de aprender algo novo, ou (re)aprender algo já conhecido de outra forma, com um outro olhar. Pudemos presenciar essa forma de aprendizagem no tocante às discussões sobre meio ambiente, que veremos com mais detalhes no capítulo II.

1.3 - A transição do Projeto EmCantar para Organização Não Governamental e a consolidação da parceria com escolas públicas

Ao perceber a crescente demanda de trabalho, os multiplicadores do Projeto EmCantar identificaram a necessidade de estruturar suas ações e garantir a continuidade de seu trabalho; assim, organizaram-se com o intuito de garantir o apoio financeiro necessário

⁸ Vivaldo P. G. Júnior, músico autodidata, integrante do Projeto EmCantar desde 1996, multiplicador nas escolas: E.E Mário Porto, E.M. Afrânio Rodrigues da Cunha e E.E Padre Mário Forestan.

para a manutenção de pessoal, materiais pedagógicos e equipamentos. Uma das formas encontradas foi a consolidação do Projeto EmCantar enquanto organização não governamental (ONG), passando a se chamar, institucionalmente, Associação EmCantar de Arte, Cultura e Meio Ambiente.

Ao se transformar em uma *OnG*, no ano de 2003, o Projeto EmCantar pôde ampliar seu apoio institucional, firmando parceria com o Instituto Algar de Responsabilidade Social, sediado em Uberlândia. (Anexo B). Com essa parceria, foi possível garantir a realização das oficinas com educadores e com alunos, bem como a realização de várias atividades artísticas (cf. Capítulo III), através das leis de incentivo à cultura. Outras instituições se juntaram ao Projeto EmCantar, como o SESC-MG (início da parceria em 2004), a Secretaria de Cultura de Uberlândia (início da parceria em 2002) e a Sociedade São Vicente de Paula (início da parceria em 2004).

Com a extensão de suas atividades, o Projeto EmCantar sentiu a necessidade de reestruturar sua organização, explicitando claramente seus objetivos e formas de atuação como um processo que integra o meio ambiente, a cultura e a arte por meio de três núcleos, que dão sustentabilidade para suas diversas atividades, como mostra a Figura 2.

Projeto EmCantar

Estrutura Organizacional

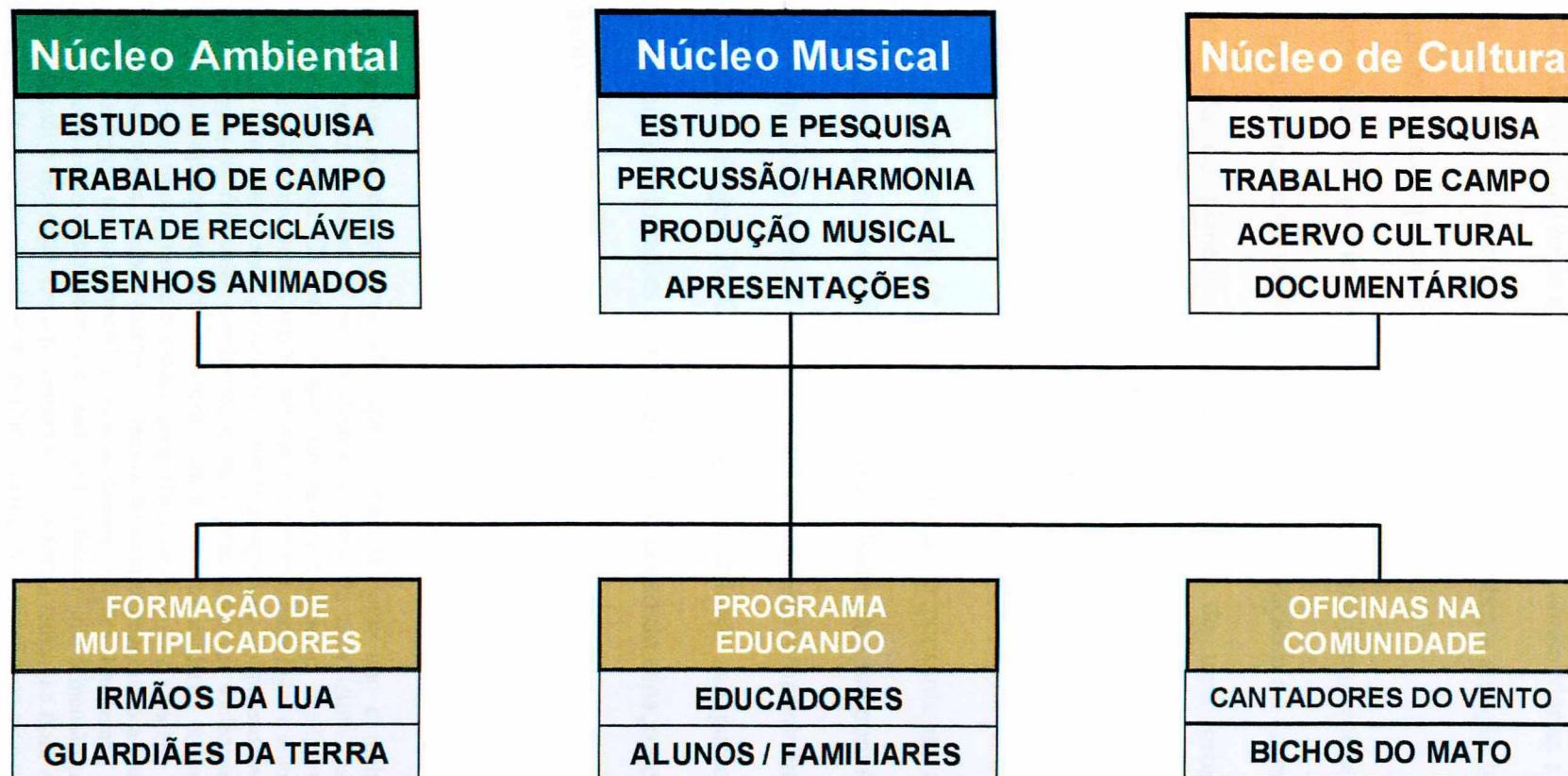


Figura 2 - Estrutura Organizacional do Projeto EmCantar
Org.: COELHO, M. A. F.

O Núcleo Ambiental Cuitelinho foi criado em 2001, para promover e desenvolver, entre os participantes, uma convivência responsável de relacionamento com o meio ambiente e com todas as formas de vida. O objetivo de sua criação é, portanto, consolidar as atividades realizadas pelo Projeto EmCantar, proporcionando um outro olhar sobre a atuação individual e coletiva no espaço ocupado e suas implicações no contexto social.

Perceber a intervenção do movimento humano no mundo físico, conhecer suas engrenagens e construir uma pirâmide de valores fundados na cooperação e no compromisso com a continuidade da vida no planeta, constituem as bases de uma proposta de responsabilidade socioambiental que almeja contribuir para que as pessoas possam usufruir de qualidade de vida sem, contudo, comprometer as gerações futuras.

A partir da tomada de consciência do indivíduo, é possível repensar o mundo de forma integral, permitindo que as pessoas se percebam como parte pensante da natureza, reformulando posturas e produzindo, no dia-a-dia, uma cultura voltada para um convívio mais harmônico possível com o mundo e com os outros. Com os estudos empreendidos pelo Núcleo Ambiental Cuitelinho, o Projeto EmCantar começou a delinear sua percepção de espaço e inserir, no bojo de suas interlocuções com as escolas, a noção de espaço geográfico tal qual a define Suertegaray (2002),

uma leitura do espaço geográfico que o conceba como uno e múltiplo. Sua compreensão, portanto, só se viabilizaria a partir de uma leitura calcada em diferentes conceitos. Os conceitos que, em meu entendimento, decifram o espaço geográfico são, entre outros, região, paisagem, território, rede, lugar e ambiente. Isto significa dizer que, quando pensamos o espaço geográfico, compreendemo-lo como a conjunção de diferentes categorias, quais sejam: natureza, sociedade, espaço-tempo. Estas categorias transformam-se com a histórica mudança do mundo; por conseguinte, transforma-se o espaço geográfico, bem como o conceito de espaço geográfico. Assim, quando fazemos a leitura do espaço geográfico a partir de um desses conceitos, temos imbricadas todas as demais relações. Entretanto, ao utilizar um conceito e não outro estamos optando por enfatizar uma dimensão passível de ser analisada e não outra. Ou seja, pensando dessa forma temos, ao fazer opção pelo conceito de território, a análise do político; da região, o econômico ou o cultural; da paisagem, a natureza ou a cultura; do lugar, a subjetividade humana ou a coexistência; da rede, as conexões entre nós, pontos ou lugares de diferente natureza

política, econômica, cultural; enfim, ao pensarmos ambiente, temos a análise das transFigurações da natureza e da natureza humana. Esses exemplos indicam, em meu entendimento, a persistência em todas as dimensões analíticas, daquilo que fundamenta historicamente a análise geográfica: a relação natureza-sociedade, ou dito de outra forma, a busca de conexão entre a dimensão natural e social (p.111).

As dimensões contidas no espaço geográfico, explicitadas na citação acima, permearam as ações do Projeto EmCantar desde seu início mas de forma intuitiva, ou seja, a preocupação com a preservação da natureza era vista de um modo geral. A partir da consolidação do Núcleo Ambiental Cuitelinho foi possível, entre os integrantes do Projeto EmCantar, aprofundar o conceito de natureza considerando, primeiramente, a atuação do indivíduo no espaço ocupado e sua relação consigo, com o outro e com as demais formas de vida.

Associada à questão ambiental, o Projeto EmCantar percebeu a necessidade de abordar a questão da cultura. A palavra *Cultura* carrega em si uma multiplicidade de significados. Apesar disso, é possível, num sentido mais amplo, defini-la como tudo aquilo que o ser humano produz, seja material ou espiritual, seja pensamento ou ação. Ela exprime as variadas formas pelas quais homens e mulheres, em diferentes épocas e lugares, estabelecem relações entre si e com o meio.

Ao nascer, a criança é inserida num sistema de significados e valores já estabelecidos. A maneira de se vestir, de se alimentar, a língua que lhe é ensinada, o jeito de andar, as brincadeiras que aprende, as formas de se relacionar com os outros, enfim, tudo se encontra pré-estabelecido culturalmente e lhe é transmitido por meio da linguagem e outros símbolos, sendo o processo educativo o principal agente disseminador de valores e visões de mundo.

Em 2001, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Popular do Projeto EmCantar, foi criado a partir da perspectiva da formação como um processo contínuo da pessoa, que

acontece em todos os espaços onde ocorrem interações humanas. Percebendo as várias crises – ecológica, social, política, econômica – pelas quais passa a humanidade como reflexos de uma crise do atual modo de vida, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Popular atua no sentido de promover uma discussão sobre esse modo de vida e os valores nos quais ele está fundado, fornecendo, juntamente com o Núcleo Ambiental Cuitelinho, subsídios teórico-práticos para as oficinas semanais com crianças e adolescentes de escolas parceiras e da comunidade. (Anexo C).

A opção por atuar também no espaço escolar ocorreu por percebê-lo, apesar de carregado de contradições e imperfeições, como um espaço potencialmente capaz de disseminar valores como a cooperação e a solidariedade, sobretudo quando se trabalha junto a educadores realmente comprometidos com a formação humanizadora de seus alunos.

Além disso, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Popular atua na pesquisa e registro de manifestações da cultura popular e de histórias de vida de pessoas ligadas a elas, por meio de documentários. Esses registros têm como principal objetivo socializar experiências vividas e aspectos da realidade muitas vezes ignorados pela história oficial. (Anexo D).

A música finaliza nossa análise sobre a estrutura organizacional do Projeto EmCantar. O Núcleo Musical é constituído por uma equipe de músicos responsável pela condução de oficinas voltadas para multiplicadores, pela realização de apresentações musicais e pela produção e gravação de CDs. Além destes músicos, os grupos de multiplicadores do Projeto EmCantar e os integrantes dos outros dois núcleos do Projeto (Núcleo Ambiental Cuitelinho e Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Popular) complementam a composição do Núcleo Musical, inserindo a música nas oficinas em escolas ou abertas à comunidade (Anexo C) e compondo o coro vocal na realização de apresentações e na gravação de CDs.

Por meio do contato com a música, cada indivíduo que participa de uma oficina, assiste a uma apresentação ou ouve um CD do Projeto EmCantar, é chamado à volta para o “ser”, propiciada pela integração do ser humano à arte. Na inexplicável identificação de cadências melódicas, harmônicas e rítmicas com a sensibilidade humana, está a chave para o encantamento.

A música é um dos elementos fundamentais na proposta de formação humanizadora desenvolvida pelo Projeto EmCantar. Isto porque o envolvimento com a arte sempre foi, nos mais diferentes tempos e lugares, um fator essencial para que o ser humano se constituísse como tal. O distanciamento humano da arte é um dos principais sintomas do processo de desumanização por que passa a sociedade contemporânea, na qual, cada vez mais, é cultivado o “viver para o ter”, em detrimento do ““Viver para o Ser””. O caminho de volta para o “ser”, empreendido pelo Projeto EmCantar passa, necessariamente, pelo contato com a arte, mais especificamente com a música. Por esse motivo, concordamos com Schafer (1991):

a música existe porque nos eleva, transportando-nos de um estado vegetativo para uma vida vibrante. Algumas pessoas (segundo filósofos como Schopenhauer e Langer) acreditam que música é uma expressão idealizada das energias vitais e do próprio Universo [...]. Cantar é respirar. O universo vibra com milhões de ritmos. (p. 295).

Assim, tendo como princípios a integração entre meio ambiente, cultura e arte, o Projeto EmCantar iniciou, em março de 2001, sua primeira experiência em parceria com uma escola da rede pública do município de Uberlândia-MG, como explica o idealizador do Projeto EmCantar,

depois de tomada a decisão de promover o trabalho do Projeto EmCantar em escolas públicas, encontrei interesse em formalizar uma parceria com a Escola Mário Porto, através de sua diretora, Natalícia Maria de Jesus. O bairro Patrimônio, de Uberlândia, foi escolhido para a realização do trabalho pela minha relação com o Grupo de Percussão Tabinha e, principalmente, a pessoa de seu coordenador, Neirimar Silva, amigo e parceiro do Projeto EmCantar. Foi redigido um Termo de Compromisso com a escola e as oficinas começaram sendo coordenadas pelos primeiros integrantes que aceitaram o desafio de passar profissionalmente pela experiência de multiplicação das propostas de educação do Projeto EmCantar. De março de 2001 até junho de 2002, as oficinas eram realizadas apenas com os alunos do turno matutino da escola. O trabalho obteve grande êxito e, consequentemente, o reconhecimento das educadoras e direção da escola. Isso proporcionou o estabelecimento de vínculos afetivos significantes que garantiram liberdade e autonomia da equipe do Projeto EmCantar para a realização do trabalho. No primeiro semestre de 2002, refletimos sobre a necessidade de expansão do Projeto EmCantar a mais escolas e decidimos, com o apoio da diretora Natalícia e interesse das professoras, realizar um trabalho piloto de formação com as educadoras da escola durante todo o segundo semestre como laboratório para, em 2003, começarmos uma parceria para formação de 40 educadores de mais 09 escolas públicas.

Diferentemente de muitas atividades realizadas nas escolas para fins de pesquisa acadêmica, ou para comprovação de determinada tese (como por exemplo, a comprovação de que alguns professores de geografia possuem dificuldades em cartografia), o Projeto EmCantar, junto com as diretoras das escolas, definiu, mediante um termo de compromisso, a forma de participação da comunidade acadêmica nas oficinas que seriam desenvolvidas no espaço escolar em horário de aula. Isso quer dizer que a reflexão e a prática dessa reflexão deveriam acontecer juntamente com as atividades cotidianas do aluno, e não em horário extra-classe.

Além disso, houveram algumas reuniões iniciais para se compreender melhor a proposta educacional do Projeto EmCantar, abaixo (Figura3)

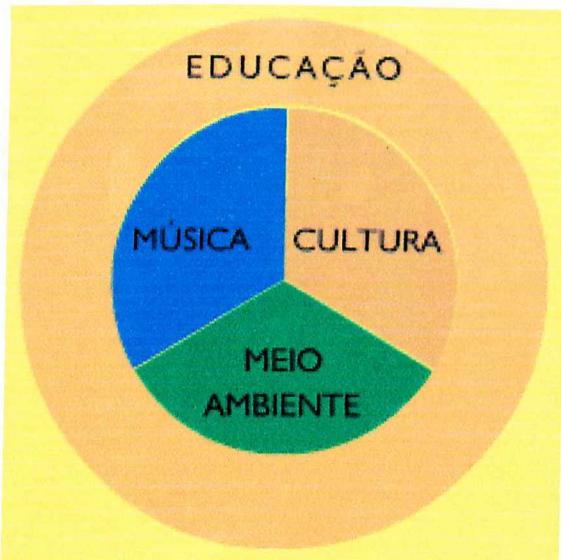


Figura 3 - Conceitos Trabalhados pelo Projeto EmCantar.
Org.: COELHO, M. A. F.

Por meio dessa figura foi possível compreender melhor a proposta de educação almejada pelo Projeto EmCantar. A música, como uma das manifestações da arte, é entendida como expressão humana, suplantando a noção do fazer técnico e percebida como inerente ao espírito humano. Desta forma os multiplicadores do Projeto EmCantar acreditam que “todas as pessoas são artistas, algumas serão por profissão” (LOPES, 1989). A arte, nesse caso a música, é, portanto, uma experiência de encantamento e descoberta individual. Ainda analisando a figura, o meio ambiente se configura como a interação do indivíduo com o meio em que vive, e a cultura é o mover diário desse indivíduo, cujo pensar e agir tem relação direta com o espaço em que ocupa. Fechando a ilustração acima está o conceito de educação, como algo que se mostra como reflexo da interação entre arte como expressão do “Viver para o Ser”; meio ambiente, na perspectiva do espaço ocupado e a cultura como modo de vida.

A Escola Estadual Mário Porto, primeira escola a aceitar esse desafio, abriu suas portas, colocando à disposição do Projeto duas turmas (3^a e 4^a séries). Após três anos de oficinas semanais, a escola disponibilizou todas as suas turmas do período da manhã, o que permitiu que o Projeto atendesse todos os alunos. Algumas atividades estão registradas na

Figura 4.



Figura 4 - Atividades na E. E. “Mário Porto”.

Autor: PINHEIRO, J. / RABELO, A. P. – 2001/2004

Paralelamente ao trabalho desenvolvido com alunos, os multiplicadores sentiram a necessidade de um relacionamento mais estreito com os educadores, uma vez que pensar a educação ambiental numa perspectiva socioambiental era novidade para as escolas. A adesão do educador tornou-se indispensável à continuidade da proposta.

Nessa tentativa de ampliar o olhar sobre a prática educativa, o Projeto EmCantar convidou o corpo docente da escola Mário Porto para participar de uma série de oficinas socioambientais, na tentativa de ampliar o conceito e torná-lo uma prática no cotidiano da escola. Essa atividade ocorreu no segundo semestre de 2002. Ao mesmo tempo, a Escola Municipal Hilda Leão Carneiro também foi convidada a oferecer aos seus professores a mesma oficina. Com a adesão dos educadores dessas escolas, o Projeto EmCantar pôde enriquecer sua proposta, atuando tanto na esfera municipal, quanto na estadual.

A Figura 5, aponta a localização das escolas parceiras do Projeto EmCantar.

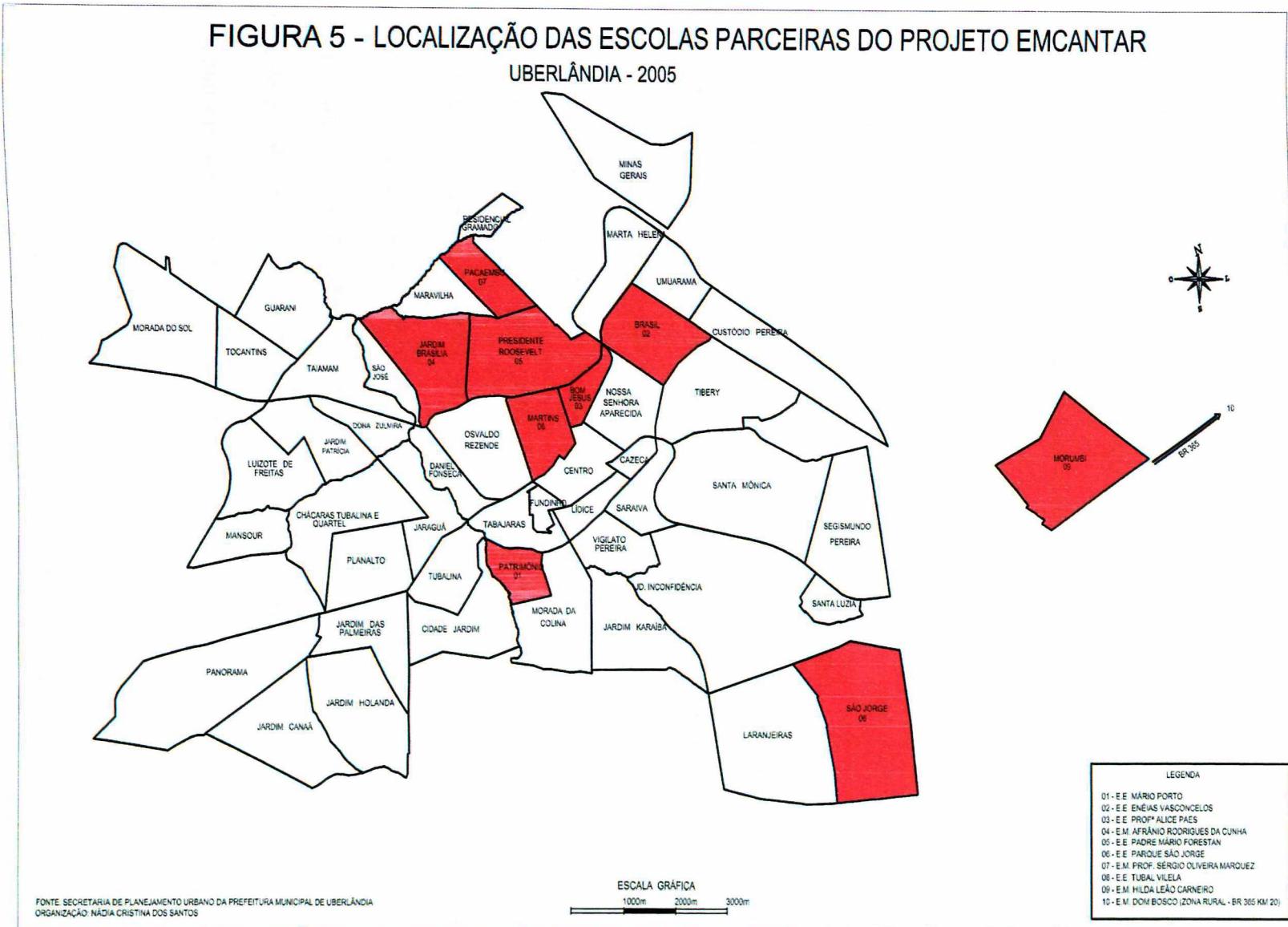


Figura 5 - Localização das escolas parceiras do Projeto EmCantar
Org.: SANTOS, N. C. - 2005

Com a continuidade dos convites para apresentações e a realização de oficinas nas duas escolas acima citadas, outras instituições de ensino da cidade de Uberlândia se interessaram pelas oficinas semanais e, em novembro de 2002, o Projeto EmCantar idealizou, em conjunto com dez escolas públicas do município de Uberlândia (que serão chamadas ao longo do trabalho de escolas parceiras) o *Programa Educando*: formação com 50 educadores em oficinas mensais e realização de oficinas semanais com crianças do ensino fundamental (2^a, 3^a e 4^a séries). As dez escolas públicas estão localizadas em vários pontos da cidade e também na zona rural, conforme mostrado na Figura 4. Vale relembrar que o pré-requisito para a parceria é a vontade e o compromisso em disseminar a possibilidade de uma nova cultura escolar, pautada na perspectiva socioambiental.

A proposta de formação com educadores de escolas públicas foi consolidada a partir das experiências e estudos em educação realizados pelos integrantes do Projeto EmCantar de 1996 a 2001, nas duas escolas acima citadas e em atividades externas à sala de aula. As diretrizes do *Programa Educando* baseiam-se na promoção da educação socioambiental e da cultura popular. Essa perspectiva vivenciada no e pelo Projeto EmCantar sugere a análise e a (re)inserção do ser humano como parte da natureza. Um pensamento ecológico impõe a necessidade de inserir, na prática de vida, a crença de que todos os organismos estão profundamente inter-relacionados com o seu ambiente, que não se limita à natureza. Partindo desse pressuposto, não há como separar cultura e meio ambiente, pois a forma como o homem vive e desenvolve seus hábitos influencia diretamente o espaço onde ele se encontra e vice-versa, numa relação simbiótica. Boff (2002) observa que

estamos cansados de “meio” ambiente. Precisamos do ambiente inteiro, da comunidade terrenal. Quer dizer: não é suficiente cuidar da natureza. Urge cuidar também do ser humano, parte e parcela essencial da natureza. Como são organizadas as relações entre as pessoas e suas instituições? Como são os serviços públicos? O sistema de saúde, de educação e de comunicação? Como a sociedade organiza sua

relação com a natureza? É de forma irresponsável e exploradora, ou respeitosa? Como são distribuídos os benefícios do trabalho e o acesso aos recursos naturais? Muitos administradores embelezam as cidades com praças, monumentos e parques, mas mantém um péssimo sistema de segurança, abandonam os hospitais, descuidam do ensino de qualidade e não montam uma estrutura adequada de água e esgoto para a cidade. (p .65).

Assim, estão sendo construídas, junto com educadores de escolas parceiras, formas alternativas para a educação formal, que possam contribuir de maneira mais efetiva na disseminação de uma cultura escolar pautada numa formação socioambiental sistêmica e não fragmentada da criança e do adolescente, na busca de uma consciência ecológica, cultural, ética e social responsável.

No relacionamento com as escolas, a temática ambiental sempre vigorou como um dos principais temas, uma vez que essa discussão tem uma abrangência mundial. A importância do meio ambiente é inquestionável, porém não se consegue, em nível macro, promover ações que sejam realmente eficazes no que tange a preservação, conservação e uso responsável de recursos naturais. Ao levantar essa discussão, os multiplicadores do Projeto EmCantar, juntamente com os educadores, perceberam que o ideal para a educação não pode residir no abstrato, fora do cotidiano real das pessoas. Freire (1993) reforça essa idéia ao destacar que,

o ideal está em quando os problemas populares — a miséria das favelas, dos cortiços, o desemprego, a violência, os déficits da educação, a mortalidade infantil estejam de tal maneira equacionados que, então, uma administração se possa dar ao luxo de fazer “jardins andarilhos” que mudem semanalmente de bairro a bairro, sem esquecer os populares, fontes luminosas parques de diversão, computadores em cada ponto estratégico da cidade programados para atender à curiosidade das gentes em torno de onde fica esta ou aquela rua, este ou aquele escritório público, como alcançá-lo, etc. Tudo isso é fundamental e importante mas é preciso que as maiorias trabalhem, comam, durmam sob um teto, tenham saúde e se eduquem. É preciso que as maiorias tenham o direito à esperança para que, operando o presente, tenham futuro. (p.106).

Nas escolas parceiras, a vontade de desenvolver ações na área ambiental gera frustração, pois nem sempre se obtêm resultados a curto e médio prazo, principalmente em ações que dependem de mudanças na postura e no agir coletivos. As atividades socioambientais realizadas pelo Projeto EmCantar visam colaborar, no sentido de encontrar alternativas educativas que tornem a educação ambiental consistente e efetiva. Essas ações serão detalhadas no segundo capítulo.

1.4 - Natureza e Sociedade se Relacionam no Tempo e no Espaço

Para discutir a relação natureza-sociedade, os multiplicadores do Projeto EmCantar estruturaram as primeiras oficinas partindo do espaço natural e sua organização aparentemente harmônica, buscando identificar os fenômenos e suas implicações no cotidiano da vida das pessoas. A natureza, sob o ponto de vista dos primeiros pensadores, é regida por uma perpétua agitação, movimento constante de um nascer e morrer perpétuo. Caro (1973) nos convida a refletir sobre esse movimento, quando afirma que

os deuses, cuja intervenção se tinha feito sentir tão pouco, não eram realmente destronados por essa doutrina: eram postos à parte. A criação não era sua obra; o céu, a terra, as plantas, os animais, o próprio homem, tudo saiu do jogo eterno dos móveis átomos; tudo o que aparece, tudo o que sucede cada dia, tanto na natureza quanto na vida dos indivíduos e dos povos, é a consequência das combinações incessantes e imperceptíveis de parcelas infinitamente pequenas que se encontram no espaço. (p. 31).

Sob essa ótica, a natureza parece se ocupar da tarefa de refazer os corpos a partir um do outro, não permitindo que nenhum se crie senão pela morte de algum outro. As minúcias que compõem a imensa teia da vida são fascinantes e estão intrinsecamente ligadas. As unidades básicas do universo, a composição da matéria, o espaço que ela ocupa e os fenômenos naturais não podem ser entendidos como entidades isoladas, mas unicamente como partes integrantes de um todo. Buscamos em Caro (1973) uma definição para o que vem a ser natureza:

tudo o que saiu da terra à terra volta, tudo o que foi enviado das regiões do céu outra vez os recebem os espaços do céu. A morte não destrói os corpos a ponto de aniquilar os elementos da matéria: só lhes quebra a união. Depois os combina de outro modo e faz que todas as coisas modifiquem as formas e mudem de cor e adquiram sensibilidade, manifestando-a logo; isto te fará ver de que importância são e os movimentos que entre si transmitam e recebam; não tomes, pois, como podendo residir nos elementos primordiais e eternos o que vemos flutuar à superfície das coisas e nascer por instantes e subitamente perecer. (p.67).

Nesse aspecto, o desejo de conhecer é inerente ao ser humano; apreender o movimento das coisas e sua origem se constitui uma tarefa complexa e apaixonante. Complexa porque, partindo da idéia de que cada ser humano é único, sua forma de conhecer e se relacionar consigo, com os outros e com seu espaço é também única; e apaixonante quando é possível alcançar a dimensão poética do estar vivo como ser atuante e transformador.

Ao propor uma atividade regular em espaços escolares na tentativa de colocar em prática essa proposta de educação ambiental essencial e profunda, capaz de engendrar, de maneira eficaz no bojo da sociedade, uma real mudança de postura, o Projeto EmCantar constituiu uma dinâmica de funcionamento que foi imprescindível para conferir às oficinas um trabalho interativo entre meio ambiente, cultura, educação e arte. (Figura 6).

Projeto EmCantar

Dinâmica de Funcionamento

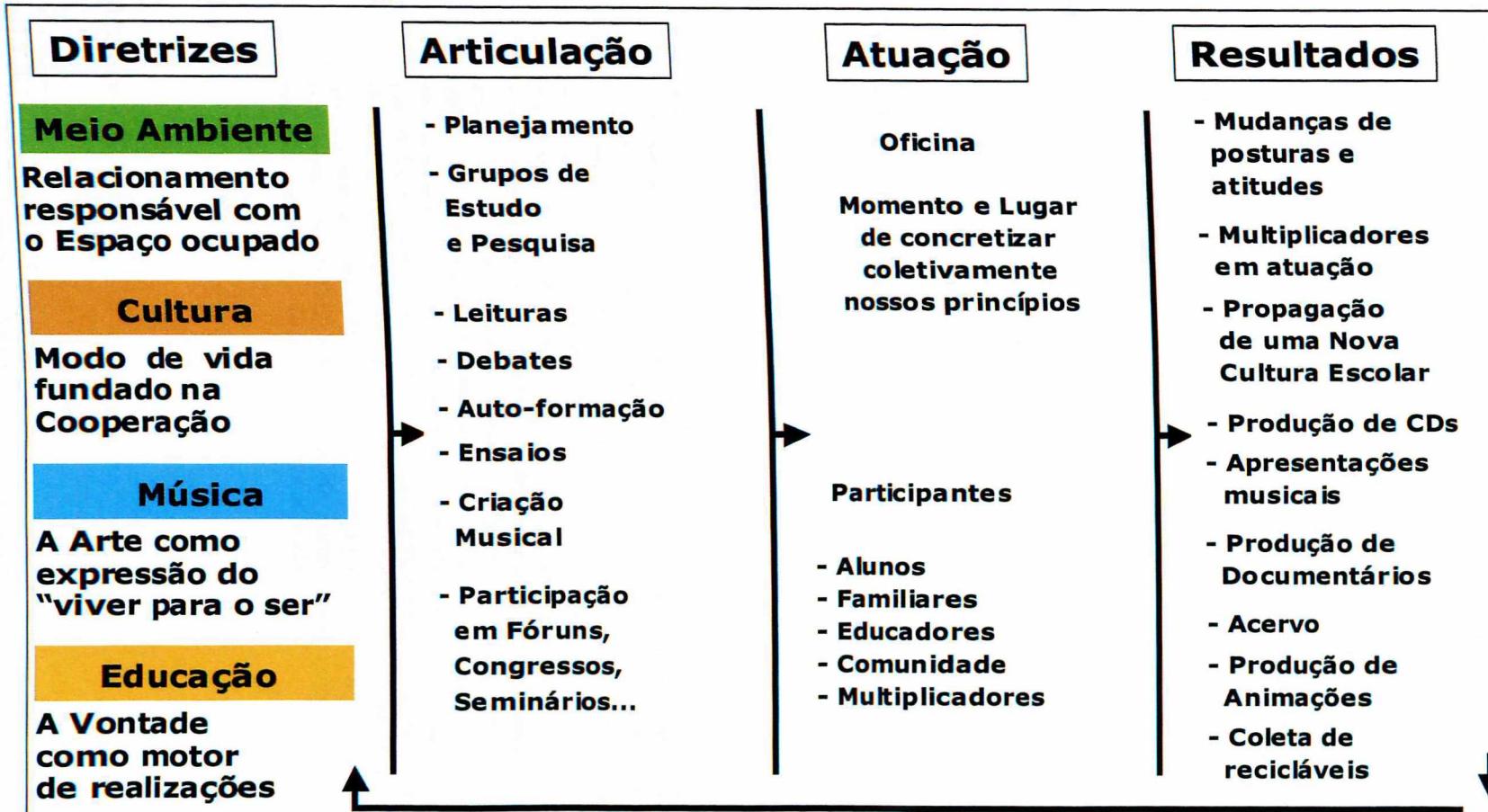


Figura 6 - Dinâmica de funcionamento do Projeto EmCantar

Org.: COELHO, M. A. F.

Ao analisar a dinâmica do Projeto EmCantar, é perceptível a inter-relação entre suas diretrizes com o restante do processo. Nada está desconectado, e a construção de cada passo se dá numa constante interação da reflexão e prática cotidianas. Os resultados que aparecem nessa Figura serão aprofundados no capítulo três.

Um aspecto importante que detectamos durante nossa pesquisa foi o envolvimento dos educadores. A procura e adesão pelas atividades (que, no caso dos educadores, acontecem aos sábados) deixam claro que o processo educativo não pode ser imposto. Há uma grande dificuldade em fazer com que os professores da rede pública participem de cursos fora de seu horário de trabalho, principalmente os chamados “cursos de capacitação” porque, em geral, eles sempre saem com a sensação de que são incapacitados, como revelam os depoimentos das professoras:

Maria Perpétua da Glória Oliveira⁹,

a dificuldade que faz com que o professor participe dos projetos de capacitação é justamente de não estar com a realidade a qual o professor trabalha. Os projetos são maravilhosos, é uma teoria bela, mas não acompanha a realidade do professor. Ele jamais oferece para o professor as necessidades que ele precisa em sala de aula, são teorias apresentadas que não são possíveis de serem aplicadas. São propostas que vêm de cima pra baixo oferecendo para o professor aquele curso, não é aquele curso que ele quer fazer. Vem determinado curso, qual você vai participar, então não oferece realmente o que o professor necessita. Então são essas as dificuldades que a gente percebe que uma grande maioria de professores sente. É um curso que às vezes não vai favorecer o trabalho dele, servem para você ter mais um título, não tem como você aplicar diretamente em sala de aula. Essas são as dificuldades que às vezes o professor sente. Quando o curso vem determinado pra que a gente faça, além da gente ser uma mera platéia você não tem contato com o palestrante, você às vezes nem fala com ele, porque ele está tão distante de você que você não tem acesso, não vai lá conversar com ele;

e Maria Francisca de Araújo¹⁰,

⁹ Professora de Geografia do Ensino Médio na E.E Ângelo Teixeira e do Ensino Fundamental na Escola Municipal Prof. Luis Rocha e Silva, em Uberlândia- MG, com 20 de atividade docente.

¹⁰ Professora com formação em Geografia que atua no Ensino Fundamental da Escola Municipal Dom Bosco, em Uberlândia – MG, com 20 anos de atividade docente.

eu acho que os cursos oferecidos pelo governo são irreais. São cursos que aproveita a política da época, são cursos que vai muito pelo modismo, então tá no modismo, traz aquela fala daquele autor pra atuar na escola, só que é muito irreal porque fica muito além da realidade. Porque precisava ser aplicado na escola com a criança, porque falam numa escola de elite que não é uma escola pública, aí o professor da rede pública fica muito desmotivado. têm muitos professores da Universidade - não tenho nada contra a Universidade – mas, muitos professores que vem falar da França, não sei o quê, como que é na França, contar a realidade dele, vivida por ele lá, mas não tem objetivo pro professor que está aqui no curso, não tem nada a ver com o nosso papel, porque não trabalha com o professor, na sua realidade, não há troca de experiência.

Diante de um quadro de educadores desestimulados com esse formato de curso, o desafio do Projeto EmCantar foi o de promover oficinas com atividades que provocassem debates, reflexões e ações, e não tivessem caráter impositivo. Acostumados com as dinâmicas direcionadas a profissionais do ensino (palestra, cadeiras enfileiradas, bloco de anotação, passividade e busca de fórmulas prontas), os participantes se assustaram ao perceber que as cadeiras estavam sempre em círculos e que a proposta era vivenciar o *mito da caverna* de Platão e outros conceitos, como mostra a Figura 7.



Figura 7 - Oficina com professores
Autor: SILVA, I. C. - 2003 / 2004

Essa experiência permitiu um desvelar de conceitos até então sedimentados em práticas mecânicas e “tarefeiras”, como a noção de Ser e de se relacionar com os outros e com o mundo. O fio condutor das oficinas, tanto com alunos quanto com os professores, foi se desenrolando a partir de quatro diretrizes propostas pelos multiplicadores do Projeto EmCantar e validadas pelos participantes, são elas: o relacionamento com o espaço ocupado; o modo de vida fundado na cooperação; a vontade como motor de realizações e a arte como expressão do “Viver para o Ser”. Ao longo de nossa pesquisa, pudemos perceber o quanto essas diretrizes conduziram as atividades nas escolas e se encontram nos resultados que analisaremos de forma mais detalhada no capítulo III. A interação entre um projeto social e a educação formal deu ao *Programa Educando* um caráter pedagógico criativo, plástico e sólido. A consistência desse Programa está na sua origem, uma vez que foi concebido em conjunto com a comunidade escolar e não imposto, como a maioria dos projetos realizados nas redes públicas de ensino (projetos pensados de cima para baixo e que não levam em conta a especificidade da escola e de seu público), como o depoimento da professora participante Maria Anália do Carmo Vieira¹¹ esclarece:

eu vejo a diferença dos cursos que já foram oferecidos inclusive na própria escola; é que nesse curso, por exemplo, a gente aprende prazerosamente. O EmCantar, você aprende brincando, então é um aprender com prazer, a diferença que eu sinto um pouco é essa. Eu achei que depois do EmCantar, eu sinto no EmCantar assim, um lado humano mais desenvolvido e que você aprende tudo com prazer, quando você percebe você já está aprendendo sem perceber, inclusive geografia, que é o espaço como um todo e o meio ambiente. Também percebo que os nossos professores de geografia, por exemplo, eu estou há vinte e sete anos na Padre Mário, que não existia uma preocupação com o meio ambiente dos nossos professores de geografia. Eu sinto isso mais acentuado agora nos formados recentemente e principalmente na gente que está fazendo esse curso. Mas não era assim, aquele despertar de consciência ambiental não existia, não era muito trabalhado, eu percebo assim. Não adianta ser apenas espectadores, é preciso participar ativamente da atividade, como acontece nas oficinas mensais do Projeto EmCantar. Eu acho que esse trabalho que a gente faz aqui, é um trabalho rico porque você é um, participa do curso, não é apenas um ouvinte.

¹¹ Professora do Ensino Fundamental na E.E. Padre Mário Forestan em Uberlândia-MG com 27 anos de atividade docente, e graduanda em Geografia (Faculdade Católica de Uberlândia).

A formação que está sendo proposta pelo *Programa Educando* passa pela escola, mas vai muito além dela. A vivência de todos os envolvidos no processo educativo precisa ser levada em conta. Hoje, mais de 600 integrantes participam, semanalmente, de oficinas fundamentadas na promoção da Educação Ambiental, da Cultura Popular e da arte como expressão do “Viver para o Ser”.

Embora seja preciso admitir que a convivência entre as pessoas, proporcionada pela escola, aliada ao tempo que ali se passa, sejam fatores favoráveis para que ações coletivas possam ser empreendidas, a rotina que o espaço escolar pode gerar é perigoso, pois, se a tradição e a acomodação se apoderam do espaço escolar, nele reproduzindo desigualdades, preconceitos e falsas verdades, essa escola não será capaz de promover, nem no seu espaço, nem fora dele, nenhuma modificação. Para que se possa atingir, ou pelo menos começar, uma significativa mudança na estrutura social e, por conseguinte, na educação, torna-se necessário educar para as várias dimensões do humano, para os vários papéis que a humanidade desempenha ao longo de sua existência.

Portanto, o ato de educar não pode se pautar em atividades mecânico-reprodutivistas. Brugger (1994) mostra que

a educação se distingue do adestramento por ser este último um processo que conduz à reprodução de conceitos ou habilidades técnicas, permanecendo ausente o aspecto da integração do conhecimento, condição *sine qua non*, para a formação de uma visão crítica e criativa da realidade. (p. 40).

Nesse aspecto, as ações do Projeto EmCantar foram permeadas pelo raciocínio geográfico numa tentativa de ampliar o debate sobre o espaço.

O espaço pode ser entendido como lugar e extensão daquilo que se move, é percebido e existe. Por essas razões, raciocinar geograficamente é uma habilidade que precisa ser estimulada no processo educacional. É necessário tomar consciência da importância do espaço geograficamente pensado. E a geografia, como disciplina, deve repensar e reavaliar o papel estratégico que lhe cabe desempenhar e é imprescindível na formação integral do indivíduo.

Concordamos com Santos (2004), quando diz que

cada vez que as condições gerais de realização da vida sobre a terra se modificam, ou a interpretação de fatos particulares concernentes à existência do homem e das coisas conhece evolução importante, todas as disciplinas científicas ficam obrigadas a realinhar-se para poder exprimir, em termos de presente e não mais de passado, aquela parcela de realidade total que lhes cabe explicar. (p. 18).

Ao fazer uma leitura geográfica do espaço ocupado, é possível perceber que conceitos como sociedade, classe social, natureza, trabalho, estado e ambiente não se separam; pode-se analisá-los separadamente, mas na prática e no cotidiano das pessoas, eles agem fundindo-se e modelando o território. Além disso, essa fusão também cria espaços específicos, guetos de marginalização e exclusão, que não são efetivamente problematizados pela educação formal.

A inter-relação e a problematização dos conceitos espaço-educação-arte nos mostra o quanto é imprescindível às pessoas saber pensar o espaço, pois, pensando-o, é possível rever constantemente a manifestação da arte como expressão humana.

Lacoste (2002) acredita que,

hoje, mais do que nunca, a geografia serve, antes de tudo, para fazer a guerra. A maioria dos geógrafos universitários imagina que, após a confecção de cartas relativamente precisas para todos os países, para todas as regiões, os militares não têm mais necessidade de recorrer a este saber que é a geografia, aos conhecimentos disparatados que ela reúne (relevo, clima, vegetação, rios, repartição da população, etc.). Nada é mais falso. Primeiro porque as “coisas” se transformam rapidamente: se a topografia só evolui muito lentamente, a implantação das instalações industriais, o traçado das vias de circulação, as formas do habitat se modificam a um único bem mais rápido e é preciso levar em consideração essas transformações para estabelecer as táticas e as estratégias. (p. 26).

Pensar geograficamente o espaço ocupado é tomar consciência dele como um todo, abrangendo não apenas o território e seus recursos naturais mas, sobretudo, a intervenção humana e suas consequências.

A geografia, enquanto saber, deve ser apreendida e manuseada habilmente pela sociedade, uma vez que “serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (Lacoste 2002, p. 26).

No próximo capítulo, analisaremos o pensamento geográfico e a educação ambiental nas escolas parceiras, a contribuição teórica e prática do Projeto EmCantar, a noção de relacionamento responsável com o espaço ocupado e as possibilidades de uma prática socioambiental efetiva e eficaz.

Parte da Gente

Parte da Gente

Ser árvore
Ser bicho
Ser gente
Ser água
Ser rio
corrente

Ser terra que acolhe a semente
Ser mente
Ser gente, ser parte da vida
Servida
Parte da gente
Parte da vida

Ser pétila
Ser pelo
Ser pele
Ser seiva
Ser sangue
latente

Ser chuva que faz a nascente
Ser fonte
Ser fogo que aquece e faz noite
Ser dia
Ser harmonia

Ser pássaro
Ser vôo
Ser vento
Ser canto
Ser tarde
poente

Marco Aurélio Querubim



II - O PROCESSO EDUCACIONAL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE

“Nada mudará a sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo e ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados”.

Michel Foucault

2.1 - A proposta lúdica do Projeto EmCantar em parceria com escolas públicas: o início do trabalho

De forma progressiva, o Projeto EmCantar ampliou sua presença nas escolas parceiras, estando presente semanalmente nas escolas estaduais Mário Porto, Enéias Vasconcelos, Alice Paes e Padre Mário Forestan e nas municipais Hilda Leão Carneiro, Afrânio Rodrigues da Cunha e Sérgio de Oliveira Marquez, realizando oficinas com alunos. Sua previsão de trabalho, de acordo com o panorama apresentado na Figura 8, nos deu uma noção do interesse das escolas em manter a parceria.

Panorama da Parceria - Programa Educando - Projeto EmCantar

Nº	Atividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008
1	E.E. Mário Porto						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos	■	■	■			
	Início Coleta de Recicláveis		■	■	■		
2	E.M. Hilda Leão						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos	■	■	■			
	Início Coleta de Recicláveis		■	■	■		
3	E.E. Enéias Vasconcelos						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos	■	■	■			
	Início Coleta de Recicláveis		■	■	■		
4	E.E. Alice Paes						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
5	E.M. Afrânio Rodrigues						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
6	E.M. Sérgio Oliveira						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
7	E.E. Pe. Mário Forestan						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
8	E.M. Dom Bosco						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
9	E.E. Pq. São Jorge						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	
10	E.E. Tubal Vilela						
	Oficinas com Educadores	■	■	■			
	Oficinas com Alunos			■	■	■	
	Início Coleta de Recicláveis			■	■	■	

Figura 8 - Panorama da Parceria do Projeto EmCantar com escolas públicas

Org: COELHO, M. A. F. - 2003

Esse interesse permitiu aos multiplicadores acompanhar mais de perto a atuação dos

educadores que participam mensalmente das oficinas socioambientais.

Nessas oficinas, a metodologia implementada pelo Projeto EmCantar busca colocar em pauta as questões relacionadas à educação na ótica do cidadão-educador. O grande desafio no início das atividades voltadas para educadores consistia na dificuldade em perceber a inter-relação existente entre as disciplinas do currículo escolar e a escola com as demais áreas da sociedade.

A geografia desponta no processo educacional como um saber de caráter estratégico, pelo fato de abordar o espaço em que se encontram as pessoas e os recursos naturais imprescindíveis para a manutenção da vida dessas pessoas. Possui grande importância no que tange à apreensão e compreensão desse espaço, em que se configuram a natureza e o trabalho, a divisão social deste trabalho, a luta pela moradia, enfim, o espaço dos embates políticos. Ao contribuir para ensinar a pensar o espaço também na perspectiva dos conflitos políticos, o caráter estratégico da geografia se coloca como conhecimento importante para o contexto social. E sua contribuição na leitura da natureza e da sociedade pode e deve ultrapassar a teoria e o livresco. Resende (2002) reforça essa idéia ao mostrar que

se a natureza é sempre percebida de maneira dinâmica em relação dialética com o trabalho do homem, o espaço ganha uma dimensão eminentemente social, ou seja, ele nunca é percebido como um espaço neutro, aberto, sem divisões, sem donos. Nunca é um espaço apenas “geográfico”, tal como nos acostumamos a estudá-lo e a ensiná-lo: espaço onde correm rios, que possui tal solo, esta vegetação, aquele clima, e, ao final, uma determinada quantidade de homens artificialmente nivelados pela estatística. (p. 95).

Para identificar o problema da educação ambiental desenvolvida nas escolas parceiras não basta pensar o espaço escolar isoladamente. Por isso, o ponto de partida foi o aprofundamento da visão que se tem da educação pública, principalmente no que tange à formação do professor, caráter e implicações no contexto em que se encontra inserido. No

decorrer das primeiras oficinas com educadores que acompanhamos, pudemos perceber o quanto a dinâmica social não é vista em seu todo. A fragmentação do conhecimento confunde o papel da educação e influencia diretamente na forma de ver o mundo.

O ensino público, em tese, é um direito do cidadão e um dever do Estado. Ele é público, mas sua gratuidade é geralmente confundida com uma espécie de favor ou benevolência, e por isso é recebido de qualquer forma. Essa teoria da gratuidade do ensino público precisa ser desmistificada. A Educação não é “de graça” e “não é neutra”.

Não podemos esquecer que, em virtude da má qualidade em que se encontra o ensino público, uma grande parcela da população se vê obrigada a pagar por um ensino que acredita ser melhor. Essa deficiência abre precedente para a proliferação de redes particulares de ensino, que em nada colaboram na discussão do tripé ensino-qualidade-gratuidade.

Nesse sentido, a educação não pode dar conta da resolução dos problemas socioambientais, mas com certeza, em algum momento, pode contribuir significativamente para novas possibilidades de atuação de um indivíduo consciente das implicações de seu movimento no espaço geográfico.

É por isso que é necessário reeducar o olhar e a forma de ver o mundo e o espaço ocupado, para que se possa reeducar o Brasil, reinventá-lo, no sentido de possibilitar uma educação que torne as pessoas aptas a lerem o mundo, a enxergarem suas contradições e a promoverem o bem comum. Para isso, é preciso problematizar o sistema de ensino vigente e propor outras alternativas educacionais. A educação formal no Brasil, como veremos a seguir, tem se preocupado em atender os ditames do mercado de trabalho, e sua atuação se limita a disseminar conteúdos e fórmulas de “sucesso” no campo profissional.

2.2 - Educação e sociedade: uma reflexão sobre novas formas de educar

A razão instrumental e pragmática que permeia o sistema de ensino vigente em nosso país não pode mais ser considerada a única forma de construir conhecimento. Percebe-se, no decorrer da história brasileira, a tentativa de construir um perfil para o nosso povo, mas um perfil pensado e delineado por uma elite, que desconsidera o movimento espacial e político da maioria da população. É por isso que a escola não pensa a complexidade das diferenças e transforma o espaço de aquisição de conhecimento numa “roupa de tamanho único”.

Ao colocar para os educadores o desafio de pensar, problematizar e colocar em prática a construção de uma nação que reconheça e valorize as pessoas, proporcionando-lhes qualidade de vida, uma das primeiras constatações foi a grande distância entre o cotidiano escolar e o movimento da sociedade; por isso, faz-se urgente questionar a estrutura das disciplinas ensinadas na escola e a problematização da sociedade e do mundo que elas propõem. Uma das educadoras¹² participantes contribuiu com a discussão sobre os caminhos da educação afirmando a importância de valorizar outras linguagens: “*Busco na música, poesia, poema, jogos, referência para várias abordagens de nosso conteúdo a ser trabalhado, tentando sempre resgatar a vontade, o querer da criança estar ali, mudar a posição das crianças na sala (nada vem pronto, tudo conversado primeiramente): carteiras em duplas, em V, em trios, conscientizações sobre o meio que vivemos, de que forma “cuidar” melhor desse espaço, meio, ao qual estamos inseridos*”.

Um dado importante trazido pelos educadores foram as dificuldades vividas por eles ao tentarem implementar novas formas de trabalhar no espaço escolar; para uma educadora¹³: “*pessoalmente houve muito mudança. Agora, no dia-a-dia de nossa escola, as coisas não são*

¹² Wânia Maria de Oliveira, professora da Escola Municipal Luís Rocha e Silva.

¹³ Rosa Maria de Almeida Souza, professora da Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha.

fáceis de acontecer. Acredito que a maneira de averiguar é observando os alunos, através do comportamento deles. Infelizmente, ainda não vejo muita mudança.”

Pensar numa nova cultura escolar é uma proposta que, no entendimento dos participantes das oficinas do Projeto EmCantar, precisa ser amadurecida, em primeiro lugar pelo corpo docente, para que haja uma consonância das ações. É o que outra educadora¹⁴ reflete ao dizer que “*o que pode ocorrer é que os professores não aderem. A diretora apóia, a supervisora também, mas a escola não é só elas. Este é um trabalho de aceitação pessoal. E agora?*”.

Não adianta apenas sermos capazes de escolher uma profissão e batalharmos por ela. É fundamental conhecer a dinâmica da sociedade para que nossa escolha se engendre no bojo social e “faça diferença” nele, diferença que proporcione satisfação pessoal mas que não se esqueça da sociedade da qual fazemos parte. Essa questão ficou muito clara quando, nas oficinas com educadores, começou-se a trabalhar os problemas ambientais diretamente ligados ao cidadão comum, como é o caso dos resíduos sólidos urbanos domiciliares, que veremos mais adiante.

Nesse aspecto, a formação acadêmica deve formar os educandos no sentido de promover uma visão de mundo que se aproxima, o máximo possível, da realidade concreta.

No argumento de Rodrigues (2002):

afirma-se, freqüentemente, que o grande problema são os pobres, que têm baixos salários e não podem pagar para ter acesso às diversas mercadorias do modo de produção em que vivemos. A eles é atribuída a responsabilidade pela pobreza em que vivem. Raramente analisa-se a violência a que são submetidos, ao serem instigados diariamente a comprar e/ou usufruir do conforto que a cidade/ó urbano parece oferecer. Ao mesmo tempo, nega-se-lhes o acesso aos benefícios do progresso que ajudam a construir. Como diz Bertrand Russel, “enquanto a economia é a ciência que explica como os indivíduos fazem escolhas, a sociologia é aquela que explica que eles não têm nenhuma escolha a fazer” . (p. 80).

¹⁴ Gláucia Pinheiro Ruas, professora da Escola Estadual Tubal Vilela.

Como processo de construção consciente, a educação de nossos dias tem deixado muito a desejar. O processo formador que vigora nas instituições acadêmicas, de um modo geral, se encontra restrito à demanda econômica e mercadológica e nos deixa muito distantes da reflexão que aqui propomos. Há 50 anos, a verdade estava pronta: ao professor cabia apenas reproduzir e, ao aluno, assimilar e repetir. Hoje, de acordo com a cartilha imposta pelo mercado de trabalho, o aluno continua assimilando e repetindo não mais para o professor, mas para o vestibular.

No tempo regido pela praticidade, velocidade e banalidade do Ser, o desafio de uma educação para a formação integral do indivíduo pós-moderno é imenso e precisa, urgentemente, ser colocado em prática.

2.3 - A importância da geografia e da apreensão do espaço geográfico no processo educacional

Para os educadores participantes das oficinas do Projeto EmCantar, a educação que está sendo discutida requer concepção, apreensão e aprofundamento do espaço e da educação ambiental. Na abordagem do espaço, a geografia se faz fundamental, pois a descrição da terra foi substituída por uma concepção mais ampla e densa do conjunto das relações entre sociedade e natureza, considerando os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais historicamente situados, e os conflitos e contradições entre essas várias dimensões. É nesse espaço que ocorre o mover, tanto natural quanto consciente, ele é a morada que agrupa os corpos que se movem. Na avaliação de Vesentini (2004),

uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia – mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o Homem” – não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando uma peça de museu. (p. 220).

Não só a geografia corre o risco de “virar peça de museu”, mas a escola como um todo. Em um mundo regido pela velocidade e pela diversidade de informações, que podem ser acessadas em segundos, o velho saber livresco e estático precisa se adaptar e colocar na pauta das discussões seus valores e essência, sua contribuição e utopias. Precisa reacender a chama que visa a superação humana nas dimensões intelectuais e científicas mas, principalmente, humanas e éticas. Vlach (2004) afirma que

a geografia, uma “das disciplinas mais úteis e mais necessárias à vida” (Távora apud Geikie, p. X), foi entendida como uma ferramenta poderosa da educação do povo. De um lado, porque fazia do território brasileiro o elemento central de seu conteúdo, porque sua descrição valorizava sua dimensão, suas riquezas, sua beleza; de outro lado, porque a idéia de território dissimulou as ações concretas dos líderes (políticos, intelectuais, etc) que conduziam, “de cima pra baixo”, a construção da nação e do cidadão para consolidar o Estado brasileiro, dissimulando mesmo o fato de que o Estado construía a nação brasileira. (p. 195).

Especificamente na questão ambiental, a geografia possui um papel importante, pois não cabe a ela “resolver sozinha” questões que parecem ser exclusivamente do seu domínio, mas sim, articular-se com os demais saberes.

A propósito disso, Lacoste (2002) pondera que,

a despeito das aparências cuidadosamente mantidas, de que os problemas da geografia só dizem respeito aos geógrafos, eles interessam, em última análise, a todos os cidadãos. Pois, esse discurso pedagógico que é a geografia dos professores,

que parece tanto mais maçante quanto mais as *mass media* desvendam seu espetáculo do mundo, dissimula, aos olhos de todos, o temível instrumento de poderio que é a geografia para aqueles que detêm o poder. (p.22).

Essa afirmação deixa patente a inter-relação dos saberes, e nos mostra o quanto o processo de educação formal, da infância à pós-graduação, proporciona, passivamente, um engavetamento estratégico dos saberes que, separados, não conferem legitimidade ao caráter cooperativo que deveriam ter para promover a formação do indivíduo-cidadão.

Para tentar pensar o melhor processo educacional e a melhor forma de colocá-lo em prática, faz-se necessário integrá-lo ao modo de produzir a vida material na atualidade. Castoriadis e Cohn-Bendit (1981) apontam para

o problema da crise do modo de vida, que já havia sido revelado pelo abalo da família tradicional, a luta das mulheres e a rebelião da juventude. É através dessas lutas que aparece o mais claramente possível a contestação de uma certa maneira de viver, de um certo ritmo de vida urbana, de uma estética duvidosa, do gigantismo real e simbólico, das instituições sociais, econômicas e políticas, ao mesmo tempo em que vêm à luz do dia atividades práticas criadoras. (p. 8).

A oportunidade de vivenciar a escola “de dentro para fora” foi, e está sendo, de suma importância para o Projeto EmCantar no sentido de consolidar uma parceria efetiva e sólida que visa, partindo do encantamento do mundo e da existência, construir coletivamente uma educação socioambiental eficaz e transformadora das relações entre as pessoas, o meio ambiente e os demais seres vivos (Figura 9).



Figura 9 - Atividades socioambientais com alunos e educadores.
Autor: PINHEIRO,J. / RIBEIRO, C. / RABELO, A. P. - 2005

A escola que queremos e que sabemos ser possível é, além de um espaço para florescimento do saber formal, um espaço de construção coletiva de outra realidade. Para Vesentini (2002),

a escola como *locus* de poder não se resume ao conteúdo que transmite aos alunos; aliás isso talvez seja até menos importante que outros procedimentos característicos do sistema escolar tais como a hierarquia e autoridade, a crença nos “fatos objetivos”, a avaliação e a promoção, os diversos gêneros de escola e suas relações com a reprodução das desigualdades sociais, a divisão acadêmica dos conhecimentos, os trabalhos pedagógicos, o saber transformado em conhecimento instituído e fechado enquanto sistema etc. (p. 162).

A escola precisa ser pensada e vivenciada de outras formas. Os aspectos positivos desse espaço são pouco explorados, e os negativos acabam sobressaindo. A escola, mesmo com suas precariedades, se configura como espaço de convivência. Em geral, um estudante

que consegue chegar até o fim do percurso escolar, incluindo o ensino fundamental e médio, passa no mínimo onze anos e, em média, vinte horas por semana na escola. É possível promover algum tipo de reflexão, se existir vontade político-pedagógica para isso. Freire (2002) insiste:

este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (p.52).

As experiências de mudança precisam ser vivenciadas por toda a comunidade acadêmica. Os educadores não podem ser vistos como instrumentos para o repasse de informações aos alunos.

Direcionamos nossa pesquisa para o espaço pensado sob o ponto de vista da geografia e do raciocínio geográfico. Percebemos uma grande diferença entre essas duas questões, pois a geografia, na maioria das vezes, é vista como um saber periférico em detrimento da leitura-escrita e do raciocínio lógico-matemático. A própria configuração das disciplinas no currículo seguido pelas escolas reforça essa hipótese. Por outro lado, o raciocínio geográfico é vivenciado intuitivamente quando são realizados trabalhos de campo, atividades extra-classe, etc. A geografia precisa encontrar seu espaço no centro do debate sobre a dinâmica social, uma vez que esta se encontra apoiada, cada vez mais, no tripé educação, meio ambiente e mercado de trabalho. O raciocínio geográfico é de fundamental importância para uma apreensão crítica desses conceitos, como explicitado na citação de Lacoste.

2.4 - O mercado de trabalho e sua relação com a estrutura educacional

Uma das discussões mais polêmicas no decorrer das oficinas com educadores envolve o ensino-aprendizagem e o mercado de trabalho. O mercado de trabalho tem sido, nos últimos anos, o foco central da vida moderna. Estar inserido nele é estar protegido. Ter um “bom” emprego é sinônimo de segurança e aceitação na sociedade das imagens, do poder de compra, da autonomia do indivíduo enquanto consumidor e cliente. A percepção do que está em volta e a apreensão da realidade são ditadas pela publicidade e pela propaganda, cujas bases se assentam nos interesses capitalistas. Vale lembrar que o problema não reside propriamente na imagem, e sim na dependência imposta por ela às pessoas. Fontenelle (2002) ressalta que

a análise mais detida da marca publicitária também nos permitiu compreender como se processou a “perda da aura” nas imagens contemporâneas e como, paradoxalmente, a própria marca emerge com uma “aura de segunda natureza”, elevando-se à categoria de fetiche. Através dos canais utilizados para se construir e manter – a publicidade e a propaganda – a marca nos dá a pista para que possamos entender por que o sujeito atual, que não é encantado pelas imagens que o cerca, paradoxalmente, faz uso delas para construir as imagens sobre si mesmo e sobre o mundo, porque sabe que, na sociedade contemporânea, estar na imagem é existir. (p. 23).

Sabemos que cada geração é historicamente definida por determinados comportamentos, características, posturas. Assistimos, impassíveis, ao apogeu da banalidade e do descarte. Infelizmente, esses aspectos definem nossa geração. Fontenelle (2002) levanta a hipótese de que a

implosão constante de todas as formas resulta em uma cultura descartável, na qual a marca aparece como “ilusão de forma”. Em outras palavras, ao imenso vazio que se abre em função dessa cultura descartável pautada, predominantemente, pelo “valor de troca” corresponde a produção incessante de imagens com as quais o capitalismo contemporâneo procura dar conta de tal vazio [...] Complemento minha hipótese assumindo que o sujeito contemporâneo, “racionalmente”, não acredita nas marcas, exceto na existência do vazio que elas prometem preencher com suas imagens. E é isso que, no final das contas, interessa. (p. 25).

A dificuldade em se aplicar, no cotidiano da escola, práticas que estimulem as pessoas a pensarem o espaço numa perspectiva socioambiental e agirem nele de forma responsável, está justamente na imagem que as escolas parceiras mostraram ter acerca do tema. Percebemos uma grande dificuldade na comunidade escolar em visualizar sociedade e ambiente enquanto sistema. As ações realizadas na escola, em muitos aspectos, não se comunicam com o movimento social. Preservar a natureza é muito mais um simples “chavão” do que realmente um conceito que pode se efetivar na prática e produzir uma postura socioambiental verdadeira e concreta.

O resultado dessa distância entre teoria e prática é a despreocupação com o crescente aumento do desperdício; indagamo-nos: o que ficará no imaginário popular, uma propaganda que chama à responsabilidade ou outra que apresenta belas pessoas, em trajes maravilhosos e apelativos? Aos publicitários, não interessa o problema da água? Não, não interessa. Não tem nada a ver com eles, uma vez que foram adestrados para transformar um produto em algo imprescindível à sociedade e não para convidá-la a refletir e se comprometer com os problemas do seu tempo e do seu mundo.

As profissões passam por um isolamento que compromete gravemente e, em vários aspectos, irreversivelmente, a saúde social. As várias linguagens, por não se entrosarem, se contradizem o tempo todo.

Essa “onda” de freqüentar um curso superior a qualquer custo se reflete na ausência de consistência e profundidade, fundamentais para se pensar a sociedade e o bem comum. O

que assistimos é uma corrida pelo diploma e pelo “certificado de presença”, que leva centenas de profissionais (que podem pagar) aos congressos, simpósios, seminários, colóquios, criando um “mercado do conhecimento”. Os congressos em que os preletores são do exterior valem mais créditos, embelezam os currículos, configuram “status”, mesmo que o autor não tenha tido nenhuma obra sua lida ou debatida (no caso dos educadores que se encontram na base do sistema de ensino, a aquisição de livros é um “luxo” a que nem sempre podem se dar).

É o que nos mostra o depoimento da professora¹⁵ participante das oficinas do Projeto EmCantar e universitária, cursando o 7º período de Pedagogia do Centro Universitário do Triângulo-UNITRI: *“como universitária, estou levando as temáticas vivenciadas nas oficinas para serem debatidas com colegas e professores. Também recebo orientações para aplicação de dinâmicas de grupos. Afirmo que os saberes aprendidos no Programa Educando contribuíram para minha formação acadêmica, para uma leitura de educação e de sociedade mais ampla, consciente e crítica. Como também redimensionando o meu fazer pedagógico. Sem sombras de dúvidas, não vivenciei na faculdade experiências tão significativas como no Projeto EmCantar.*

O ensino superior que, em tese, deveria proporcionar uma reflexão mais ampla sobre educação e sociedade, se restringe aos ditames do mercado de trabalho e se furtar da oportunidade em estreitar a comunicação com os demais passos do processo educacional, distanciando-se do ensino fundamental e médio.

¹⁵ Deonice das Graças Silva , professora da Escola Municipal Dom Bosco (zona rural).

2.5 - A contribuição da proposta do Projeto EmCantar para o cotidiano das escolas parceiras

O meio ambiente, na perspectiva do Projeto EmCantar, configura-se no espaço geográfico que engloba os aspectos econômico, social, individual, entre outros, do Ser e do devir humanos e, por isso, não pode ser pensado isoladamente. Os problemas que emergem nas cidades e nos campos do mundo são frutos da complexa interação entre sociedade e natureza. Para que essa reflexão venha à tona, faz-se necessário tornar visíveis os espaços vivenciados em comum e convidar as pessoas a se conceberem nele (conceber, no sentido de dele ter nascido).

Pelo fato das oficinas acontecerem semanalmente, os multiplicadores puderam acompanhar mais de perto o movimento do espaço escolar e a percepção das pessoas. A distância entre a idéia de preservação dos recursos e a prática no dia-a-dia foram temas de várias atividades. Alguns exemplos ficaram claros, como a quantidade de luzes acesas durante o dia, desperdício de comida na hora do recreio, desperdício de papel na secretaria e nas salas de aula, ou seja, pequenas ações realizadas no cotidiano da escola que não são percebidas como atos depredatórios, mas que produzem posturas passivas diante do meio ambiente, sem conectar essas micro ações às macro ações, como devastação de grandes áreas florestais, poluição de rios etc.

Com o intuito de despertar uma outra visão de mundo na comunidade escolar, o primeiro passo na metodologia do Projeto EmCantar é a promoção do encantamento. Os multiplicadores notaram que as crianças, ao entrar em contato com brincadeiras de roda, músicas, desenhos, se viam como participantes-atuantes do processo; o grau de interesse e compromisso aumentou a ponto de envolver todas as crianças da escola (como no caso da escola Mário Porto). Um aspecto relevante para ser descrito é a afetividade. No caso do Projeto EmCantar, a afetividade é o fio condutor das oficinas. Nas outras escolas, em que as oficinas não podem ser realizadas com todas as turmas, os diretores criaram outros espaços, para que, pelo menos as brincadeiras pudessem ser vivenciadas por todos os alunos. Essas atividades podem ser visualizadas na Figura 11.



Figura 10 - Atividades recreativas do Projeto EmCantar.
Autor: PACELLI, E. / FRANCISCO, A. C. F. - 2003 / 2004 / 2005

À medida que as crianças se envolvem, cria-se um espaço fértil e propício para iniciar a problematização do espaço escolar na perspectiva do raciocínio geográfico. Ao acompanhar as oficinas, pudemos perceber que a proposta de respeitar o tempo e a linguagem das crianças proporcionou muito mais sentido às discussões que serão relatadas a seguir.

2.6 - Relacionamento responsável com o espaço ocupado

Em face das discussões apresentadas neste trabalho, consideramos uma tarefa importante “trazer o tema da população como riqueza e não como problema e retomar a construção da utopia do ser humano que deve estar no centro do debate e não nas suas franjas” (Rodrigues, 2002, p. 85). Se nossa proposta é pensar a sociedade e sua interação com o espaço, não podemos partir de uma definição de espaço geográfico ora visto como espaço natural apenas, ora como portador do progresso sem inserir todos os indivíduos nele. No

trabalho desenvolvido pelo Projeto EmCantar por meio do *Programa Educando*, a apreensão do espaço ocupado como espaço de movimento diário teve início no ano de 2001, em decorrência da implantação de oficinas socioambientais realizadas com alunos e educadores da Escola Estadual Mário Porto. Ao iniciar as oficinas, os multiplicadores do Projeto EmCantar perceberam, por meio das atividades que aplicaram, que a noção de espaço nessa comunidade escolar estava intimamente ligada à idéia de meio ambiente natural, de forma superficial e genérica.

A formação educacional não pode se furtar à apreensão do conhecimento em sua esfera global. Trabalhar com a noção do espaço ocupado enquanto espaço geográfico é levar em conta a complexidade presente nesse espaço. Partir do espaço do indivíduo significa (na proposta do Projeto EmCantar) apreender não só a Amazônia e a Mata Atlântica como espaços carentes de cuidado, mas também o entorno que, no nosso caso, é o cerrado, onde nos encontramos e pouco tempo despendemos para estudá-lo.

Nas reflexões propostas, as falas (Anexo F) dos participantes remetiam às idéias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, em que prevalece a dicotomia entre sociedade e natureza, além de determinar as áreas que precisam ser preservadas e que, no imaginário dos participantes, são bem determinadas. Principalmente para os alunos, os brasileiros precisam preservar a natureza e por natureza entendem: Amazônia, Mata Atlântica e conceitos mais gerais como as árvores, os rios etc. como pudemos perceber pelo depoimento de uma aluna da 2^a série, durante uma oficina: “*eu gosto porque a gente aprendeu muita coisa importante, eu aprendi a reciclar as coisas, fazer brincadeiras legais, e que não pode poluir os rios, nem cortar as árvores.*” A visão freqüentemente veiculada pela mídia de que é importante preservar nos dá uma falsa idéia de preocupação com problemas ambientais, pulverizando aleatoriamente conceitos que na prática não podem ser vivenciados, pois dependem de outros aspectos, como o econômico e o político.

No caso da coleta de recicláveis, as iniciativas, em muitos aspectos, são impostas de “cima para baixo”, visando garantir uma prática que precede uma ação educacional; um exemplo disso é a disposição de latões para a separação de recicláveis que se encontram espalhados em alguns lugares, como mostra a Figura 12.



Figura 11 - Coleta multiseletiva.

Autor: CABRAL, I. - 2005

A problemática dos recicláveis “virou moda” depois da realização da ECO-92. Parece fácil pintar latões de cores diferentes e veicular informes publicitários “conscientizando” as pessoas a fazerem coleta seletiva de lixo em suas casas, e com isso resolver o problema. Etimologicamente, a palavra *lixo* significa o que se varre e, em geral, tudo que não presta, cisco, imundície, de origem obscura, sujo, manchado. A questão do lixo envolve pessoas. Garantir sua sobrevivência através de algo que carrega em si todas essas denominações tem sido a única saída para milhares de brasileiros e brasileiras, desde crianças a pessoas da terceira idade em todo o país. Para que se possa entender um pouco o que significa isso, é preciso imaginar uma criança nascida no meio do *lixo*. Segundo Abreu (2001),

desde os primeiros dias de vida, são expostas aos perigos dos movimentos de caminhões e de máquinas, à poeira, ao fogo, aos objetos cortantes e contaminados, aos alimentos podres. Ajudam seus pais a catar embalagens velhas, a separar jornais

e papelões, a carregar pesados fardos, a alimentar porcos. Muitos desses meninos e meninas são desnutridos e doentes (...) Nos lixões, ficam sujeitos ainda a acidentes e a outros problemas como abuso sexual, gravidez precoce e uso de drogas (13).

Essa é a rotina de pessoas que, marginalizadas do espaço produtivo das cidades, são submetidas a essa coleta degradante para conquistar sua sub-sobrevivência. Todos os dias, máquinas e caminhões de inúmeras empresas descem aos lixões para comprar materiais que podem ser reaproveitados pela indústria do reciclável, permanecendo impassíveis diante dessa cruel realidade. A visão do reciclável como lucrativa fonte de renda, sob o falso manto da preocupação com questões ambientais, acaba por furtar o direito que essas pessoas têm de viver dignamente, pois são vítimas dos “donos” do *lixo*, obrigadas a trabalhar em condições de extrema humilhação. O mais incrível é que a problematização do ciclo vicioso do consumo desenfreado, juntamente com o aumento de lixões a céu aberto e, consequentemente, da miséria humana, não estava no planejamento político-pedagógico das escolas envolvidas nas atividades do Projeto EmCantar, mesmo tendo alunos convivendo com essa realidade, como mostra o depoimento a seguir: “*eu¹⁶ passei a ser uma pessoa mais reflexiva e dinâmica. Questiono mais com meus alunos, filhos, amigos. Trabalho mais as questões que para mim, nem existiam, como o lixo, que nem sempre é um lixo, às vezes, é a sobrevivência de muitos dentro da própria sala de aula. Valorizo mais as questões políticas, que antes, nem queria tomar conhecimento*”.

A proposta de refletir essas questões acabou por provocar uma tomada de consciência acerca das relações existentes no mundo e das relações existentes entre o que se ensina na sala de aula e o que se vive no dia-a-dia. Ao analisar de perto os problemas vivenciados por muitas crianças e adequar o conteúdo para privilegiar e problematizar o que

¹⁶ Cláudia Momenté Guardieiro Sousa, professora da Escola Municipal Luís Rocha e Silva.

acontece do lado de fora da escola foi uma novidade para os professores. Esse comportamento “neutro” demonstrado pelos docentes é explicado por Vesentini (2002) da seguinte forma:

ocorreu uma massificação ou aumento quantitativo das escolas e dos professores e, ao mesmo tempo (sem que necessariamente um desses processos implicasse o outro), uma depreciação econômica e até social (isto é, na percepção das elites e inclusive do povo em geral) da atividade docente e até mesmo da educação formal. Enfim, pelo menos nas últimas três décadas – e, infelizmente, até hoje – o professor da escola fundamental e média no Brasil tem sido, reiteradamente, visto como um generalista incompetente (que só está aí porque não conseguiu um emprego melhor), algo que, lamentavelmente, até alguns professores repetem, como alguém que ganha pouco porque não trabalha ou não exerce uma atividade de fato importante. Um clichê que até as nossas universidades ajudam a reproduzir, ao supervalorizarem a especialização e desdenharem a educação básica e a formação dos professores (236).

Por esse motivo, a abordagem socioambiental proposta pelo Projeto EmCantar partiu da reflexão e ação responsável no espaço ocupado. A primeira parte do trabalho, iniciada em março de 2002 na E. E. Mário Porto, consistiu em discutir nas oficinas o que crianças e educadores entendiam por *lixo*. Várias pessoas o definiram semanticamente, como algo que não serve para nada e pode ser jogado fora; outras, levadas pela “onda” da reciclagem, definiram-no como algo que pode ser reutilizado. Partindo dessas premissas, os multiplicadores realizaram uma série de debates, com o objetivo de colocar em pauta a discussão sobre o meio ambiente a partir do indivíduo, convidando cada pessoa a refletir sobre as implicações de seus atos no espaço que ocupa. Para tanto, é preciso rever a postura de mero consumidor, programado para fazer girar a engrenagem do mercado, e pensar um pouco mais como cidadão responsável pelo descarte daquilo que consome. A partir de agosto de 2003, foi criado um sistema de coleta que proporcionou e proporciona a alunos, educadores e aos multiplicadores do Projeto EmCantar, a possibilidade de agir de forma responsável, separando em suas casas embalagens dos produtos da cesta básica, materiais de limpeza e higiene pessoal, entre outros, que são, em geral, constituídos de plásticos, papelões

etc., e não são percebidos como materiais que, quando encaminhados corretamente, podem ser reutilizados. A Figura 12 registra essa atividade.



Figura 12 - Oficina sobre recicláveis com alunos.

Autor: PACELLI, E. / RABELO, A. P. - 2004

Um dos principais desafios desse trabalho foi o de promover uma prática de coleta que não se constituísse por meio de competição ou premiação, mas pela responsabilidade de cada pessoa em destinar corretamente os resíduos domiciliares que gera. Por meio de atividades que envolvem toda a comunidade escolar, tem sido possível refletir e praticar a coleta numa perspectiva de cooperação, e não de competição.

Antes de propor qualquer ação para ser aplicada na escola, os multiplicadores do Projeto EmCantar experimentaram na prática a mudança do paradigma imposto pelo “padrão multiseletivo” da coleta (divisão em: papel, papelão, vidro, plástico, metal e orgânico) e cada multiplicador vivenciou uma outra forma de separar esses materiais e apreender uma nova forma maneira de contribuir para minimizar, pelo menos, entre os resíduos domiciliares, a

questão do lixo urbano. Como nos mostra uma multiplicadora¹⁷: “no início, separar os materiais era muito difícil. Primeiro não se sabia bem o que podia ser aproveitado e, em casa, nosso hábito era jogar tudo fora. As primeiras experiências com a separação eram feitas com o grupo de multiplicadores que se encontravam toda semana em Araguari, aí cada um trazia de casa, às vezes vinha alguma coisa suja e tudo ia para minha casa, para posteriormente encaminharmos a um catador. Em Araguari repassamos o material para a ASCAMARA (Associação dos catadores de materiais recicláveis de Araguari). Até pensamos, no início, em vender o material e reverter para as atividades do Projeto EmCantar que estavam começando, mas vimos que era muito trabalho e pouco retorno financeiro. Além do mais, entendemos que os catadores precisavam muito mais dele do que nós”.

Tomar consciência da possibilidade de inserção social de uma classe que existe, mas nem sempre é percebida, e de sua importância para a sociedade foi imprescindível na estruturação de uma coleta de recicláveis pautada na idéia de minimizar impactos ambientais e promover melhor qualidade de trabalho para esses trabalhadores.

Como a iniciativa deu certo entre os multiplicadores, o projeto de coleta de recicláveis foi implantado em outras duas escolas parceiras do Projeto EmCantar (E.E. Enéias Vasconcelos e E. M. Hilda Leão Carneiro). Hoje, alunos, professores e demais funcionários coletam, monitoram, avaliam e repassam semanalmente cerca de 150 kg de recicláveis. Para a diretora¹⁸, de uma das escolas parceiras,

no decorrer dos anos, estamos juntos há 4 anos, eu vejo um diferencial no trabalho, estando agora com uma meta diferente de que é desviar dos lixões aquilo que pode ser reaproveitado. Começamos a implantar a coleta seletiva em 2003, completando um ano de coleta nós conseguimos estar desviando desses lixões 2630 k. Isso em função de que poderia ser mais. Como a escola tem um número de 198 alunos e são também crianças de um socioeconômico baixo, o que vem contribuir que não seja de

¹⁷ Francine Rezende. Multiplicadora do Projeto EmCantar desde 2000.

¹⁸ Natalícia Maria de Jesus, diretora da E.E. Mário Porto.

repente um número maior, mas prá nós da escola é um número representativo e sentimos que estamos fazendo a diferença no mundo... contribuindo para uma mudança e com certeza essa mudança ela é gradativa... não vem de uma vez... ela está acontecendo, sensibilizando, conscientizando mais um que está chegando, conhecendo, aproximando. Então eu tenho certeza de que nós estamos indo como as formiguinhas: sozinhas podemos pouco, juntos podemos transformar o mundo.

Até o fechamento de nossa pesquisa, o Projeto EmCantar estava se programando para ampliar, a partir do 2º semestre de 2005, a coleta de recicláveis para mais quatro escolas, totalizando sete, das dez com que estabeleceu parceria.

A coleta dos recicláveis, assim como vários programas governamentais (bolsa-escola, bolsa-família) e outros tipos de iniciativas de caráter filantrópico, está longe do caminho que promove a vida com dignidade e qualidade para todas as pessoas. Essas iniciativas, embora sejam fruto da indignação de grupos e/ou pessoas dispostas a ajudar o próximo, servem apenas como paliativos, pois o cerne da questão é bem mais complexo. Nesse contexto, a educação formal tem um papel importante a desempenhar, utilizando seu espaço para promover reflexão e ação, tomada de consciência e cidadania responsável visando a garantia de um mundo social e ambientalmente mais justo.

Para propor qualquer atividade educacional que vise a compreensão do movimento humano no mundo e suas consequências, é preciso partir, em primeira instância, do espaço ocupado pelo indivíduo e das implicações desta ocupação.

O ritmo de vida na atualidade acabou por gerar uma pirâmide de valores centrada no desejo humano de superação, e suas consequências, na atualidade, se consolidam na forma de inúmeros problemas de ordem socioambiental. Mesmo com a enorme degradação do meio ambiente, a visão de mundo que impera é a de que é preciso preservar para utilizar de forma racional o que ainda resta, mantendo as velhas bases do modelo capitalista de produção. A aceleração do tempo imposta por esse modelo acabou por gerar uma sociedade que busca, na produção e no poder de consumo, a solução de seus problemas.

Eis o cerne da proposta de pensar e (re)agir no espaço, sob a perspectiva do Projeto EmCantar: rever, juntamente com a comunidade escolar, essa pirâmide de valores que vigorou até agora; pensar uma nova estrutura socioambiental, na qual os segmentos que compõem o planeta, incluindo o ser humano, vivam em ‘símbiose’, no sentido biológico do termo; e promover pequenas ações consistentes que, praticadas no dia-a-dia, possam consolidar o devir que buscamos.

No aspecto prático, as oficinas socioambientais realizadas pelo Projeto EmCantar não propuseram nenhuma atividade “de fora pra dentro”; pelo contrário, as oficinas se aprofundaram no cotidiano vivido pela comunidade escolar e as reflexões se deram “de dentro para fora”.

As oficinas socioambientais realizadas semanalmente com os alunos e mensalmente com os professores visam colocar em pauta as condições em que se encontram as escolas parceiras e o que se pode fazer para garantir o máximo de aproveitamento da comunidade escolar, tanto na aquisição do conhecimento formal quanto na fruição de potencialidades artístico-culturais exploradas no decorrer das oficinas. A dimensão da arte como expressão do “Viver para o Ser”, será melhor explorada no decorrer do terceiro capítulo.

A Roda

A Roda

meu amigo, minha amiga
meu irmão, minha irmã
agradeço pela vinda
pela consideração

aqui ninguém é senhor
só prevalece o amor
reina entre nós a alegria
que enche o mundo de cor

sou puro afeto, brinco de perto
de quem se deixa brincar
entra na roda que se renova
quando se chega mais um

na roda a gente se ajunta
se inventa e se reinventa
na roda a gente se lança
a gente balança, a gente é criança

a roda é a hora da prosa
do olhar virar sorriso
na roda, a dança do dia
vem girassol e vem giralua

quando o sol acende o céu
o dia nasce devagar
quando à tarde vem a noite
brilha a lua em seu lugar

Marco Aurélio Querubim



III - ESPAÇO, CULTURA, EDUCAÇÃO E ARTE NA PERSPECTIVA DO PROJETO EMCANTAR: frutos da parceria com escolas públicas

“O conhecimento fragmentado, especializado não nos satisfaz. Nós somos curiosos de todo o universo”.
(Hubert Reeves)

3.1 - Interações da Arte com as demais dimensões do ser humano

Refletir sobre a atuação humana no mundo nos permite perceber que o indivíduo é, a um só tempo, físico, biológico, cultural, social, histórico, artístico, e sentimental; e que se encontra inserido no espaço, no tempo e, consequentemente, transformando e produzindo sua cultura. No decorrer da nossa pesquisa, nos deparamos com a estreita ligação da arte com a formação humana. Nas oficinas que presenciamos, a arte, como expressão do “Viver para o Ser”, associada a uma proposta em parceria com uma proposta de educar para a prática da cidadania nos mostrou as várias possibilidades que o espaço escolar pode oferecer, no intuito de contribuir para uma formação mais humanizadora.

Concordamos com Lopes (1989) na sua defesa em prol da interação entre arte e educação:

pretendemos desenvolver, através de nossa militância em arte-educação, uma interferência orgânica na elaboração de uma cultura criativa que entra como opositora de uma cultura receptiva, orientada pelos padrões de consumo da sociedade capitalista que, pelo seu principal objetivo, o lucro, impede que a arte exerça de forma absoluta, seu papel social transformador. Cultura que faz de cada um o agente de conservação, e não de transformação, logo contribuindo para o violento desequilíbrio que se traduz nas constantes guerras de liberação, nas

revoltas de geração, nos movimentos reivindicatórios das minorias – confrontos que nem sempre são desenvolvidos pacificamente. (p. 63).

Realizar atividades artísticas com crianças e adolescentes podem ir muito além dos atos repetitivos que geralmente marcam as comemorações comuns ao calendário de datas comemorativas das escolas. Podem, de forma significativa, promover uma leitura crítica do contexto social, da existência humana e toda a sua capacidade de transformação.

A proposta educacional do Projeto EmCantar visualiza a interação da arte e da educação no cotidiano escolar, valorizando, das expressões mais simples como aprender uma nova brincadeira às mais significativas como participar da gravação de um CD. Alguns desses momentos estão registrados na Figura 13.



Figura 13 - Atividades lúdicas com educadores.
Autor: RABELO, A. P. - 2005

E percebemos pelos relatos abaixo a valorização de gestos simples e seu significado para os educadores:

“Comecei meu dia de hoje com muito otimismo. Ao assistir o vídeo, pude perceber o quanto muito de nosso dia se vai, nosso tempo e às vezes não nos damos conta dos pequenos gestos, atitudes por mais singelas, simples elas sejam sempre estamos a procura de algo sendo que esse algo pode estar tão perto e, como tantos outros momentos, esse se vai, a infância acaba, a juventude se vai e a velhice chega” (Wânia Marilin)

“O que mais gostei foi aprender brincar e confeccionar o “jogo das pulguinhas”. (Vera Lúcia)

“O trabalho com instrumentos, como foi ótimo, hoje consegui tocar caxixi, isso foi o máximo”. (Helenice Maria)

“Hoje foi surpreendente emocionante, me senti como se estivesse em um lugar onde jamais havia estado. Como gosto muito de poesia, como se estivesse navegando em alto mar, sozinha com a brisa”. (Francisca Guerra)

“No primeiro momento, em que estávamos juntos escutando o texto lido, as mensagens dele mexeu muito comigo, quando ele fala sobre os sabores e os saberes. Eu percebi que os sabores e os saberes são a VIDA, que nenhum é mais importante que o outro porque tudo compõe a VIDA HUMANA. (Silvana Lima)

“A princípio um clima de suspense que foi quebrado com versos que me envolveram. Me senti importante por perceber que algumas pessoas preocuparam em proporcionar um café da manhã tão romântico, bonito, envolvente. O café alimentou mais o meu espírito que meu corpo”. (Deonice das Graças)

Essas dimensões humanas estão engendradas no contexto social e não podem ser desintegradas em um processo educacional que, dividido em disciplinas isoladas, torna impossível uma apreensão do que significa ser humano e estar no mundo. São as portas para um novo movimento. Conhecê-las, vivenciá-las e compartilhá-las representa uma

possibilidade para o enfrentamento da crise socioambiental pela qual passamos. Para Boff (2002),

está nascendo uma nova benevolência para com o nosso planeta. A terra é como uma nave espacial com recursos abundantes, mas limitados. Só com a solidariedade entre todos poderemos fazer com que estes recursos sejam suficientes para toda a comunidade de vida. Ou cuidamos uns dos outros e, juntos, cuidamos da terra, ou a nave espacial cairá e desapareceremos todos. (p. 48).

Esse otimismo tem sido o combustível utilizado por vários segmentos da sociedade que demonstram interesse pela qualidade da vida na terra. Boff (2002) acredita que

desta ótica surge uma nova ética. Por todos os lados surgem grupos que se orientam por esse novo padrão de comportamento, que representa aquilo que Pierre Teilhard de Chardin chamou de noosfera, aquela esfera na qual as mentes e os corações (sentido grego de *noos*) entrariam numa sintonia fina, caracterizada pela mutualidade entre todos, pela amorização e pela espiritualização das intencionalidades coletivas. Estas se coordenariam para garantir a paz, a integridade da criação e o substrato material suficiente para todos. Livres e desafogados, podemos, então, viver nossa dimensão específica de con-viver humanamente, de trabalho com poesia, eficiência com gratuidade e de poder brincar e louvar como irmãos e irmãs, em casa (p. 48).

O Projeto EmCantar propõe disseminar para crianças, adolescentes e adultos, a idéia de uma convivência harmônica, essencialmente humana (na perspectiva socrática de superação e busca pela virtude), com o espaço ocupado e com as pessoas por meio do sentimento de pertencer e participar do mundo, da vida. Os multiplicadores mantêm, no cerne de suas atividades, reflexões que possibilitam um encontro e uma vivência com a arte enquanto habilidade capaz de convergir no ideal de formação do indivíduo e de seu devir. Cândido (1995) nos mostra que a arte se engendra na humanização e, para ele humanização é

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (p. 249).

A dificuldade em se pensar novos paradigmas para a educação reside na forma em que são pensados. Se não houver uma mudança no modo de pensar e produzir a vida material, promovendo uma nova pirâmide de valores, o espaço geográfico e as configurações que nele se encontram se afundarão em total colapso. É preciso educar o cidadão do novo milênio de outra maneira, com um outro olhar. Para coordenar uma ação efetiva rumo à educação que queremos, é necessário romper com estruturas supostamente neutras, tarefeiras, arcaicas e unilaterais. Freire (2001), ao analisar alguns pontos de vista sobre educação e gestão democrática, afirma que

a gestão é democrática na medida em que o professor ensine, o aluno estude, o zelador use bem as suas mãos, a cozinheira faça a comida e o diretor ordene. O que não significa, na perspectiva progressista, não dever o professor ensinar, o aluno estudar, o zelador não usar, a cozinheira não cozinhar e o diretor não dirigir. Significa, na perspectiva progressista, deverem ser respeitadas e dignificadas essas tarefas, importantes todas, para o avanço da escola. Sem fugir à responsabilidade de intervir, de dirigir, de coordenar, de estabelecer limites, o diretor não é, porém, na prática realmente democrática, o proprietário da vontade dos demais. Sozinho ele não é a escola. Sua palavra não deve ser a única a ser ouvida. (p. 105).

A educação almejada, que se propõe colaboradora na construção de um novo projeto para a sociedade, deve conferir sentido à escola, ao ensino e à formação como um todo, não se

limitando a processos burocráticos, movimentos mecânicos e rotineiros, nem tampouco a conteúdos e fórmulas ultrapassadas.

A contribuição educacional que o Projeto EmCantar visa construir em conjunto com os educadores das escolas públicas interessadas nessa questão, tanto na teoria quanto na prática, defende a idéia de uma educação que não seja desvinculada do mundo. Para seus multiplicadores, toda educação pressupõe uma intencionalidade. A educação comprometida com a humanização precisa rever constantemente sua prática, assim como sua teoria, com o intuito de redimensionar sua compreensão de mundo e sua prática pedagógica.

Nesse sentido, as primeiras experiências vivenciadas vinculadas à vontade, ao entusiasmo e às manifestações artísticas, se constituíram como fundamentos das oficinas, por possibilitarem um espaço fértil no que tange às potencialidades e talentos que desdobraremos a seguir.

3.2 - A arte como expressão do “Viver para o Ser”: oposição entre a arte como manifestação inata do ser humano e as distorções da indústria cultural

Uma das atividades mais significativas que acompanhamos foi a gravação do 2º CD do Projeto EmCantar, que recebeu o nome de *Mutirão* por sua característica de promover uma participação de um número muito maior de pessoas do que na experiência da gravação do primeiro CD (Anexo A). Gravado entre agosto de 2002 e setembro de 2003, nosso acompanhamento ocorreu a partir de março de 2003.

O CD *Mutirão* proporcionou aos multiplicadores e participantes algumas experiências e oportunidades que promoveram um processo de amadurecimento muito importante na consolidação das quatro diretrizes encampadas pelo Projeto EmCantar (Figura 6).

Todas as etapas de gravação das músicas foram debatidas entre os multiplicadores, a começar pelo encarte feito de papel reciclado, e não de plástico. Essa preocupação reflete uma visão mais sistêmica das questões ambientais discutidas pelo Projeto EmCantar. Pode parecer que a gravação de um CD nada tem a ver com o meio ambiente mas, é preferível utilizar papel ao invés de plástico, dado a sua condição de agente poluidor. O mesmo cuidado não ocorreu com o CD EmCantar gravado em 1999, pois nesse ano o Projeto EmCantar ainda estava consolidando tanto seu discurso, quanto sua prática com relação às ações ambientais.

Outro aspecto é a escolha das músicas que compõe o disco. Esse registro fonográfico representou muito mais do que simplesmente cantar uma série de canções. Sua idealização teve como ponto de partida a possibilidade de um trabalho inédito, com composições que abrangessem diversas linguagens musicais, presentes em nossa região. Essas linguagens, acompanhadas de perto pelo estudo da cultura popular realizado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Popular do Projeto EmCantar, puderam ser contempladas no CD por meio da participação dos capitães do Moçambique Branco de Araguari-MG, do grupo de percussão Tabinha, e dos cantores e compositores Pena Branca e Luiz Salgado, registrados na

Figura 14.



Figura 14 - Convidados para a gravação do CD *Mutirão*.

Autor: PINHEIRO, J. A. - 2002 / 2003

A promoção da diversidade artístico-musical contida neste *Mutirão* foi privilegiada também com a participação do quinteto de cordas da Orquestra Camargo Guarnieri de Uberlândia e outros artistas da região, como o grupo Trem das Gerais (Araguari-MG). O disco ainda conta com as músicas de autoria dos multiplicadores do EmCantar, frutos de inúmeros exercícios de composição que, realizados nas oficinas, promoveram a participação na construção de arranjos e melodias e destacaram potenciais cantores solistas, como no caso de Rayssa Alves Ferreira e Pedro Augusto Dias, alunos da Escola Estadual Mário Porto.

No tocante aos alunos que participaram da gravação, percebermos o quanto o processo foi significativo. Desde as atividades em roda para conversar sobre as letras das músicas, a formação do coral propriamente dito e a experiência no estúdio de gravação (Figura 15).



Figura 15 - Participação de alunos na gravação do CD *Mutirão*.

Autor: PACELLI, E. / PINHEIRO, J. A. / COELHO, M. A. F. - 2002 / 2003

O mais relevante a ser comentado é a conotação dada para a realização do CD. Em primeiro lugar, o conceito da musicalidade. A música permeia o espaço; reforçando essa idéia Schafer (1991) nos mostra que

o ambiente sonoro de uma sociedade é uma fonte importante de informação. Não é preciso dizer a vocês o quanto o ambiente sonoro do mundo moderno tem se tornado mais barulhento e ameaçador (...). Minha abordagem acerca desse problema trata a paisagem sonora do mundo como uma enorme composição macrocósmica. O homem é seu principal criador. Ele tem o poder de fazê-la mais ou menos bela. O primeiro passo é aprender a ouvir essa paisagem sonora como uma peça de música – ouvi-la tão intensamente como se ouviria uma sinfonia de Mozart. Somente quando tivermos verdadeiramente aprendido a ouvi-la é que poderemos começar a fazer julgamentos de valor (...). Por exemplo, meus alunos descobriram que não podiam ouvir o som dos passarinhos quando passava um helicóptero ou uma motocicleta. A solução está implícita. Se quisermos continuar a ouvir pássaros, teremos que fazer alguma coisa com os sons de helicópteros e motocicletas (p. 289).

Nossa educação “moderna e competitiva” tem privado seus educandos de elementos primordiais, como a sensibilidade e a expressão, bem como a percepção e a curiosidade pelos ritmos impressos no mundo. Schafer (1991) acredita que

para a criança de cinco anos, arte é vida e vida é arte. A experiência, para ela, é um fluido caleidoscópico e sinestésico. Observem crianças brincando e tentem delimitar suas atividades pelas categorias das formas de arte conhecidas. Impossível. Porém, assim que as crianças entram na escola, arte torna-se arte e vida torna-se vida. Aí elas vão descobrir que “música” é algo que acontece durante uma pequena porção de tempo às quintas-feiras pela manhã enquanto às sextas-feiras à tarde há outra pequena porção chamada “pintura” (p. 290).

Para os multiplicadores do Projeto EmCantar, o CD *Mutirão* configurou-se como uma possibilidade de vivenciar a musicalidade como algo que faz parte do ser humano. Dessa forma, pôde-se promover um debate envolvendo as crianças, os educadores e os familiares acerca dos conceitos de arte e artista, em que ficou clara a intenção de conceber um espaço para outras leituras de mundo e não para detectar “talentosos artistas mirins”.

Para as crianças, a oportunidade de participar de algo incomum no dia-a-dia delas representou uma experiência singular, como mostram os depoimentos abaixo;

“Foi a primeira vez que eu tinha ido pro estúdio e eu fiquei emocionada porque eu fiquei famosa né. Eu achei bom, eu pensei que agente ia entrar numa sala comum e tivesse um aparelho de som e ia ligar e a gente ia gravar, eu não pensava que era assim, eu gostei muito.”
 (Thaís Catarina dos Santos, 4º série, E.E. Mário Porto)

“Foi muito bom gravar o CD porque o trabalho do Projeto EmCantar foi muito bom, principalmente as tias que incentivaram nós. Minha mãe ficou emocionada, a minha irmã também e eu gosto muito de participar do Projeto e mesmo se eu for embora eu vou continuar participando. Eu gostei, foi a primeira vez que eu gravei um CD e eu fiquei com medo de desafinar e errar”.
 (Monique Cristina Pereira Rodrigues, 3º série, E.E. Mário Porto)

Das várias manifestações da arte, a música é a mais forte no Projeto EmCantar. Para seus participantes, a música existe para que se possa sentir os sons produzidos pelo universo

vibrando no corpo e alma. Por esse motivo, concordamos com Schafer (1991) quando ele afirma que

a música existe porque nos eleva, transportando-nos de um estado vegetativo para uma vida vibrante. Algumas pessoas (seguindo filósofos como Schopenhauer e Langer) acreditam que música é uma expressão idealizada das energias vitais e do próprio Universo (...). Cantar é respirar. O universo vibra com milhões de ritmos (p. 295).

A riqueza de significados contidos na essência musical, nos sons melódicos e harmônicos, imprime à sinfonia natural do movimento humano no mundo um caráter artístico e poético que não pode ser colocado em último plano na concepção de uma sociedade que pretende pensar a si mesma, o espaço em que se encontra e as implicações de sua existência.

Para Wisnik (1989),

pode-se dizer, ainda, que as sociedades tradicionais não admitem a música como puro som sem significação, não há entre elas uma poética da sonoridade em si. Mas pode-se dizer que, nelas, a música está sujeita, como sempre, à flutuação do significante, que oscila entre não dizer nada e dizer tudo, porque, sem portar significados, aponta para um sentido global (universo sonoro que, se não diz tudo, diz, de algum modo, um *tudo*) (p. 77).

Ao produzir seus registros fonográficos, o Projeto EmCantar visualizou a possibilidade de aquecer o debate sobre a influência do caráter econômico na dimensão artística, que a ela confere uma dimensão utilitária explorada por meio de uma forte indústria de entretenimento, impedindo o indivíduo “comum” de perceber a grandeza e universalidade da arte. Adorno (1999) desenvolveu uma série de estudos sobre as formas utilizadas por

aqueles que querem consolidar a dominação e o poder a qualquer custo, mantendo passivas “as massas” por meio daquilo a que chamou de Indústria Cultural. No seu entender,

a Indústria Cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. Aliada à ideologia capitalista, e sua cúmplice, a Indústria Cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de antiiluminismo. (p. 8).

É notável o nível de empobrecimento nas atividades “artísticas” que, a princípio, deveriam fomentar, promover e aguçar o espírito humano. A banalização do mundo e das coisas tem se tornado um “imperativo categórico” na atualidade. A mercadoria dita as regras e o mercado que a comercializa, na verdade, neutraliza o poder da crítica e da cidadania coerente, responsável e consciente. No aspecto musical, uma grande preocupação dos multiplicadores do Projeto EmCantar foi aliar às concepções de arranjo e melodia, letras que pudessem, de alguma forma, traduzir a essência contida em suas diretrizes, como é o caso da música *Parte da gente* (Folha de abertura do capítulo II), que aborda a relação natureza-indivíduo.

Sobre o poder da mídia de consumo, Andrade (2002) mostra que

o novo teatro do consumo criou uma cultura que não se inibe diante de nenhuma distinção – e que adora confundir a mercadoria, o espetáculo e a moral. É uma cultura que, para sobreviver, depende de nossa boa vontade para aceitarmos uma mitologia que, mesmo sem querer, estamos sempre pagando para que seja criada, atualizada, revigorada e oferecida diariamente à nossa inspeção, avaliação e controle: a mitologia das coisas. Reformulando uma definição célebre, Howard Rheingold escreveu que, hoje, o meio não é mais a mensagem; o meio é o mercado. Com sua admirável disposição para venda, a televisão vem provando que a recíproca também é verdadeira: os programas de venda só conseguiram tornar todo produto um espetáculo em si porque o mundo parecia empenhado em tornar todo espetáculo uma mercadoria acessível. Esse novo tipo planetário de bazar nunca esteve confinado à televisão – e daí o segredo do seu sucesso: o comércio mais imediato

oferecido pelos programas e pelos canais de TV nunca encontrou qualquer resistência para ser transposto para o que se chama de vida real. O encantamento criado pela televisão só pôde contaminar nossos hábitos porque sempre estivemos secretamente dispostos a abrir mão de nossa intimidade e de qualquer separação entre a esfera pública e a individual em troca da fantasia de qualquer projeção. O sucesso dos programas de venda na TV é baseado na possibilidade de uma transferência primitiva e mágica de prestígio cujo ritual exige, antes de tudo, uma renegociação de nossa própria identidade. (p. 108).

Diante do que foi exposto, o processo de gravação do 2º CD do Projeto EmCantar reforçou a idéia apresentada por Lopes (1989): "uma interferência orgânica na elaboração de uma cultura criativa que entra como opositora de uma cultura receptiva".

O lançamento do CD *Mutirão* como última etapa desse processo foi também um momento muito especial. Foi apresentado um show exclusivo para a comunidade escolar (direção, professores, funcionários e familiares), o que gerou muita expectativa entre as crianças por estarem apresentando um trabalho significativo, em que elas se sentiram participantes-atuantes e puderam levar para casa o resultado de seu trabalho.

3.3 - O fazer artístico e a questão socioambiental: novas leituras do mundo na perspectiva das crianças

Outro processo de construção artística que tivemos a oportunidade de acompanhar foram as oficinas de desenho animado realizadas entre os meses abril e setembro de 2004. No CD *Mutirão*, apenas os alunos da escola Mário Porto tiveram a oportunidade de participar; nos desenhos animados, se juntaram a eles as crianças das escolas Hilda Leão Carneiro (municipal) e Enéias Vasconcelos (estadual).

As etapas para a realização das animações tomaram mais tempo dos multiplicadores, pois possuíam a intenção de promover um debate socioambiental na linguagem do desenho animado, uma das preferidas do público infantil.

No primeiro momento, foi realizada uma oficina de desenho livre em que todas as crianças participantes das oficinas semanais do Projeto EmCantar tiveram a oportunidade de desenhar. Logo em seguida, os desenhos foram expostos em uma mostra (figura 16 a) que pôde ser vista nas três escolas participantes e nas dependências do SESC/MG - Unidade de Serviços Uberlândia, onde ocorreu a terceira etapa. Depois da mostra, 36 crianças das três escolas foram selecionadas para a última etapa. Nesse momento, entraram em contato com a história da animação, o “*story board*”, e técnicas de animação bidimensional: quadro a quadro e de recortes, técnicas de desenhos e coloração e introdução à edição das animações, diferenças entre os tipos de roteiro, especificidades dos roteiros para desenho animado, tipos de escrita narrativo e descritivo, uso dos tipos de escrita para criar situações breves e universais e adequação das histórias criadas em roteiros para desenhos animados.

Além disso, obtiveram noções de sonoplastia, criação e captação dos sons específicos dos desenhos animados feitos pelas crianças em estúdio profissional (Figura 16 b).



Figura 16 a - Produção de desenhos animados.
Autor: BRANCO, M. / CABRAL, I. - 2004



Figura 16 b - Produção de desenhos animados.

Autor: BRANCO, M. - 2004

Desta forma, os alunos participaram de todas as etapas da produção de um desenho animado, produzindo curtas metragens animados baseados em duas músicas do CD *EmCantar* (“Feito borboleta” e “Cadê?”) e uma música do CD *Mutirão* (“Arve”), todas com ênfase na questão socioambiental. O entusiasmo das crianças ao desenhar e animar foi imenso, como nos mostra o depoimento de dois participantes¹⁹:

“Eu não sabia desenhar não, mas com a ajuda do Branco que me ensinou a desenhar, junto com vocês do Projeto EmCantar, eu desenhei um caminhão falando sobre material reciclável. Foi legal porque nunca tinha visto desenho mexer”.

“Foi muito bom ter participado dos desenhos. O meu desenho foi escolhido porque ficou bom. O Projeto EmCantar trouxe a gente pra sala, a gente desenhou, depois mostrou pra todo mundo. Foi muito legal, a 1ª vez que eu tinha visto aquela mesa. Eu fui com o meu pai lá no

¹⁹ Marcos Vinícius da Silva Alves, aluno da 4^a série e Patrício José da Silva Neto, aluno da 3^a série do ensino fundamental da Escola Estadual Mário Porto, respectivamente.

cinema do Terminal Central, ele ficou muito emocionado e me deu parabéns, fiquei muito feliz de participar. Se tiver outro eu quero participar de novo."

Depois de finalizadas, as animações foram apresentadas em três sessões (gratuitas) de lançamento no Cine Stadium Uberlândia, possibilitando a participação dos familiares e de muitas crianças que estavam indo ao cinema pela primeira vez. Além disso, foram encaminhadas a vários festivais de cinema do gênero, conquistando classificação em alguns deles. (Anexo E)

Na condução dessa atividade, os multiplicadores foram contundentes quanto ao critério de escolha das crianças que participariam da terceira etapa (produção das animações), pois um grande limitador era a quantidade de equipamento (mesa de luz) para o trabalho, e por esse motivo, apenas 12 crianças de cada uma das três escolas puderam participar. Essa questão de critérios de escolha foi amplamente debatida, e a seleção se deu em virtude do interesse da criança na hora da realização do desenho livre.

A questão do meio ambiente, que permeou essa atividade, está sendo muito abordada nos últimos tempos e tem sido fruto de grandes discussões internacionais.

Trabalhar a questão ambiental com os alunos é um passo importante, porém não cabe a eles desenvolver e implementar ações. As crianças sensibilizam-se com sua visão ingênua de mundo, mas o desafio de cuidar e preservar o meio ambiente deve ser uma prática constante e não um "presente" a ser oferecido às gerações futuras.

Diante dessas reflexões, é possível perceber que a questão da formação plena do indivíduo físico, biológico, cultural, social, histórico, político é muito mais complexa do que temos visto no cotidiano das instituições acadêmicas do Brasil. Educar para a ética planetária, na perspectiva defendida por Leonardo Boff, é uma tarefa que requer esforço de todos os setores sociais. Da educação infantil à superior, existe um abismo entre a apreensão da complexidade do espaço, do tempo e do movimento humano proposta neste trabalho, e a superficialidade com que a educação formal trata esses conceitos e temas.

Na concepção do Projeto EmCantar, a arte oferece muito mais que uma simples contribuição. A música no cotidiano da escola ultrapassa a noção artística oferecida pelo senso comum e possibilita, aos seus participantes, um retorno a si mesmo, uma possibilidade de se conceber no mundo como participante, assim com as demais formas de vida. Isso é possível porque a arte está engendrada no espírito humano, como na citação de Schafer (1991, p. 295): “a música existe porque nos eleva, transportando-nos de um estado vegetativo para uma vida vibrante”. Na história do Projeto EmCantar, a música sempre obteve destaque, primeiro, pelo interesse dos primeiros integrantes e também, pela grande aceitação por parte das crianças e dos educadores.

A idéia de uma educação diferente da que vivenciamos não se configura como um “capricho” de grupos descontentes com os rumos da sociedade. Boff (2002) chama a atenção para a gravidade do problema, ao refletir que

a sociedade mundial, hoje globalizada neste modelo antiético, promove a globalização como homogeneização: um só pensamento, um só modo de produção (o capitalista), um só tipo de mercado, uma (sic) só tipo de religião (o cristianismo), um só tipo de música (rock) um só tipo de comida (fast food), um só tipo de executivo, um só tipo de educação, um só tipo de língua (o inglês) etc. Com a negação da alteridade, ou o seu submetimento ou destruição, a sociedade-mundo atual se coloca em contradição com a ética. Esta atitude perversa tem como consequência a má qualidade de vida atual em todos os âmbitos sociais, culturais e ambientais. (p. 96).

Se não buscarmos uma solução para os problemas socioambientais que estamos vivenciando, presenciaremos nas próximas décadas situações caóticas muito mais sérias do que as que estamos experimentando agora. A falta de água potável no planeta, a destruição maciça de grandes territórios em detrimento do lucro fácil e rápido vão nos levar a um convívio insuportável com o mundo e com os outros. O ciclo capital-exploração-lucro precisa

ser colocado em pauta para que surja uma nova ótica, uma nova sociedade, uma nova esperança, enfim, a concretização de um outro mundo possível.

3.4 - Educação e arte: alternativas para se pensar melhor o espaço

A proposta de reflexão e ação implementada pelo Projeto EmCantar propõe um conjunto de pequenas ações vivenciadas no dia-a-dia do espaço escolar visando uma convivência harmoniosa entre as pessoas e o espaço que ocupam. A pedagogia tradicional e suas teorias sobre as mais variadas formas de ensinar se mostram insuficientes para implantar, na prática, a educação que propomos aqui.

No início da parceria, com a observação do dia-a-dia das escolas parceiras do Projeto EmCantar, foi possível perceber a manutenção e reprodução da ordem social vigente, pautada na superficialidade, exclusão e homogeneização, nos mínimos detalhes do cotidiano escolar, a começar pela formação da fila e da oração recitada sem propósito — oração que conclama ao respeito pelo outro mas que não tem forças para se efetivar na prática — de maneira que crianças e adultos compõem o espaço da escola sem se apropriar dele; seus movimentos, cercados pela configuração da sala-de-aula, do pátio, da fila do lanche e da quadra, são repetidos dia após dia e mecanizados ao longo da vida acadêmica (uma vez que do ensino médio à faculdade, muito pouco muda na configuração desse espaço). As reproduções são gritantes. A hierarquia não verbalizada, mas vivenciada, coloca “no seu devido lugar” os componentes dessa engrenagem acadêmica. O diálogo, como aposta em outra forma de educar, fica restrito ao “manda e obedece”. Freire (2001) defende que

o diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivelá, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. (p. 118).

O diálogo que convida à reflexão e transformação é uma raridade na escola pública.

Ao fazer parte desse cotidiano, ficou claro aos multiplicadores do Projeto EmCantar essa hierarquização, que lhes propiciou um olhar reflexivo, uma vez que também são oriundos da escola e da pedagogia tradicional. O chão da escola é de responsabilidade de quem o limpa, portanto, a sujeira é uma “marca registrada”, uma vez que nem alunos, nem professores, se sentem responsáveis pelo espaço escolar. O desperdício de materiais pedagógicos e de comida (lanche do recreio) é comum, pois, afinal de contas, é público e, portanto “de graça”.

Para concebermos um modo de vida fundado na cooperação, é preciso ver o mundo sob uma nova ótica. As dimensões da vida em sociedade precisam ser apreendidas por aqueles e aquelas que se movimentam no mundo. Para completar sua idéia, Boff (2002) afirma que

estamos convencidos de que essa era se fundará nos valores da cooperação, da solidariedade, do cuidado e da reverência. Nela vai emergir, seguramente, um outro tipo de ser humano, que acolherá essas origens terrenais — pois homem vem de húmus — e entenderá a si mesmo como sendo a própria Terra que chegou ao momento de sentir, pensar, amar, venerar e responsabilizar-se pelo futuro comum: dos humanos, de todos os demais seres e de si própria como Terra, pátria e mátria de todos. Uma nova história então começará, com certeza, mais cooperativa, humanitária, cuidadosa, ética e espiritual. (p. 99).

O pensamento educacional que o Projeto EmCantar propõe construir coletivamente desde 2001, ao inserir oficinas de criatividade no cotidiano dessas escolas, caminha no sentido de contribuir para a apreensão do espaço geográfico como espaço de construção das relações humanas em simbiose com o planeta e os demais seres vivos.

Saber pensar o espaço criticamente nos permite perceber que a degradação ambiental, a desigualdade entre as pessoas e a pobreza são sintomas da crise de um mundo globalizado e do modo de vida adotado pela maioria das pessoas.

Isso faz com que nossa visão de mundo se torne velada, fosca e frágil, levando-nos à banalidade e ao descarte. Para Leff (2001),

saber sobre um ambiente que não é a realidade visível da poluição, mas o conceito da complexidade, emergente onde se reencontram o pensamento e o mundo, a sociedade e a natureza, a biologia e a tecnologia, a vida e a linguagem. Ponto de inflexão da história que induz uma reflexão sobre o mundo atual, do qual emergem as luzes e sombras de um novo saber. De um saber atravessado de poder em torno da reapropriação (filosófica, epistemológica, econômica, tecnológica e cultural) da natureza. (p. 10).

O pensamento geográfico é de fundamental importância no processo da formação do indivíduo apresentado nessa pesquisa.

A atual conjuntura necessita de uma visão global do mundo, visão que seja capaz de atingir todas as dimensões ligadas ao espaço e ao Ser que o modifica (e se modifica). O Meio Ambiente, da forma como o abordamos, entrelaça-se no tempo e no desenvolvimento das potencialidades humanas, e por isso não pode ser apreendido fora deles. Entretanto, a educação formal, da maneira como atua, parece não se dar conta disso. Leff (2001) mostra que

o saber ambiental desemboca no terreno da educação, questionando os paradigmas estabelecidos e abastecendo as fontes e mananciais que irrigam o novo conhecimento: os saberes indígenas, os saberes do povo, o saber pessoal. Vai descobrindo as relações de poder que atravessam as correntes do saber em temáticas emergentes, onde confluem diversos campos disciplinares para desembocar na qualidade de vida como fim último do desenvolvimento sustentável e do sentido da existência humana. (p. 12).

Reflexivamente, o Projeto EmCantar busca contribuir na construção da educação do homem do novo milênio. A pedagogia precisa aceitar a sugestão da antropologia para que se possa pensar e viver “a educação como prática da liberdade” (Freire, 2002, p.18).

Por esse motivo, procuramos, no espaço já instituído da escola, ações que promovessesem uma educação que se constrói coletivamente, sem se impor “de fora pra dentro”, re-disseminando discussões e práticas cotidianas que, consequentemente, caminhariam rumo a uma nova cultura escolar, interligada ao contexto da sociedade e suas implicações. Concordamos com Morin (2003), pois

a educação deve conduzir à “antropo-ética”, levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo /sociedade/espécie. Nesse sentido, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade, ou seja, da democracia; a ética indivíduo/espécie convoca, ao século XXI, a cidadania terrestre. (p. 17).

Partindo dessa premissa, a educação formadora e problematizadora do mundo se encontra nas bases da sociedade que almejamos, diferente da que temos, mais ética, crítica e solidária. Morin (2003), ao completar sua idéia sobre a educação, nos mostra que

a ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (p. 17).

Ao acompanhar de perto o trabalho desenvolvido nas escolas parceiras do Projeto EmCantar, foi possível entrar em contato com pessoas envolvidas no processo formal de

ensino e aprendizagem, que não visualizam a escola como uma obrigação a ser cumprida, mas procuram entendê-la como uma comunidade de investigação, vivência e cooperação, para que em seus domínios possa florescer a vontade de conhecer para desvelar o mundo e se encantar com ele.

Infelizmente, com relação ao encantamento com o mundo, as estatísticas são desafiadoras. Segundo Boff (1999),

há um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial da Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada três. E na Ásia uma em cada duas. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América latina e da Ásia (p. 18).

Diante de dados como esse, faz-se urgente uma tomada de consciência sobre o poder educativo-formador que a escola possui. Os governantes que fecham os olhos a esse tipo de horror também tiveram seu “tempo de escola”. O que aprenderam? Que sociedade sonharam construir?

Como possibilitar uma nova educação, se as novas gerações se encontram, em sua grande maioria, jogadas à força na arena do lucro onde, muitas vezes, participamos como expectadores sem perceber a conexão entre a exploração, o consumo, o lucro e a subvida de milhares de pessoas? Freire (2002) acredita

não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quantos, no Brasil e na América Latina em geral, são “mortos em vida”, são “sombras” de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente “guerra invisível” em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorado pela

tuberculose, pela esquistossomose, pela diarréia infantil, e por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de “doenças tropicais” . (p. 170).

Não existe neutralidade na educação. Não pode existir. Também não existe um espaço reservado ao saber acadêmico; este deve crescer e atuar no mesmo espaço em que se configura a gênese humana. Para tanto, é preciso a visão de mundo grega da Terra como Gaia, como organismo vivo. Da mesma forma, compreender as partes que compõem esse organismo e reconhecer nele o movimento humano e dos demais seres vivos é reverter essa pirâmide de valores criada a partir das idéias iluministas e do racionalismo cartesiano, para que se possa inaugurar um novo paradigma. Para Morin (2001),

é a consciência da necessidade do pensamento sistêmico que poderá criar a mudança do estado de espírito. Por enquanto, as instituições resistem e impedem até mesmo os espíritos que gostariam de se concentrar para fazê-lo. Essa reforma do pensamento requer uma reforma de princípio, uma reforma epistemológica que é muito extensa, difícil, e que ainda não começou. O primeiro avanço é muito longo e não se pode fazer economia dele. (p. 156).

A necessidade de um novo modelo educacional é um fato. Não há como negar a insuficiência das instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, no que tange à complexidade engendrada no contexto social, espaço-temporal e humano. Para isso, é preciso “resgatar” as disciplinas de seu isolamento positivista e pô-las em prática, levando em conta a(s) razão(ões) do Ser.

No caso da geografia, sua importância é camuflada pela maneira “enfadonha” com que é ensinada nas escolas e pela suposta forma puramente descritiva e “neutra” com que se apresenta para a sociedade em geral, que muitas vezes não “confere sentido” a uma disciplina “memorizadora e sem propósito”. É preciso que os geógrafos se (re)apropriem de seu

verdadeiro papel: “ajudar o conjunto dos cidadãos a saber pensar melhor o espaço” (Lacoste, 2002).

Porém, esse saber pensar melhor o espaço não é tarefa de uma disciplina, a geografia, ou de seus conteúdos programáticos. É, antes de qualquer coisa, responsabilidade da sociedade e, consequentemente, do modelo educacional que ela constrói para formar, instruir, informar e tornar acessível os caminhos rumo à compreensão da complexa teia de relações existentes no âmbito social.

Para finalizar, registramos mais uma vez que nosso objetivo ao discutir a educação socioambiental realizada nas escolas parceiras do Projeto EmCantar foi possibilitar um espaço de reflexão e debate, mesmo que restrito, aos educadores que sonham e tentam construir uma educação diferente, ao mesmo tempo em que convidam suas instituições de ensino a repensarem seu papel e razão de ser. Parafraseando Paulo Freire, “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 2002, p. 184).

As possibilidades de mudança são várias. Registrarmos aqui uma opção pelo poder de (re)construção da coletividade. Os frutos serão reflexo do que for plantado agora. Os grãos estão disponíveis para a tarefa de semear; o cultivo é responsabilidade de cada um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar as atividades do Projeto EmCantar nas escolas parceiras, percebemos que existe uma vontade em consolidar uma Educação Ambiental que produza a qualidade de vida que almejamos, e essa vontade passa pela sensibilidade e comprometimento para com as coisas da natureza e para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Por isso, a forma como tem sido pensada e realizada, em que a natureza é desconectada do contexto social, precisa ser discutida e problematizada em nível individual e social, para que o espaço planetário possa ser entendido como uma teia de relações em que as pessoas se sintam parte desse todo.

Identificar as diretrizes do Projeto EmCantar evê-las sendo postas em prática foi de suma importância para entendermos como acontece um processo educativo fora dos padrões convencionais e como essa iniciativa foi recebida no espaço formal de ensino-aprendizagem. O fato de as oficinas acontecerem no cotidiano escolar e não em horário extra-classe nos mostrou que existem muitos educadores interessados em práticas inovadoras e consistentes, principalmente no que tange a promover algo contínuo, que abranja toda a comunidade escolar (incluindo os familiares).

Chamou a nossa atenção o fato de que o encantamento provocado nos primeiros integrantes do Projeto EmCantar pôde ser irradiado no meio acadêmico, promovendo a adesão das crianças e dos professores. A maneira lúdica de abordar os participantes, a presença constante da roda, que proporciona um nivelamento entre todos, promovendo a construção coletiva das atividades em contraposição ao comportamento passivo, são elementos que corroboram para a permanência do Projeto nas escolas. Além disso, a disseminação da

linguagem artística, presente em todos os momentos, incentiva e entusiasma os participantes a pensarem o mundo sob novas leituras, novos olhares.

Compreendemos que, para esses educadores, a Educação Ambiental deve ser considerada uma vontade e uma prática política, sendo esse um primeiro passo para promover ações coletivas que permitam ir além do aspecto naturalista e promovam uma visão socioambiental.

Na perspectiva socioambiental, os conceitos ecológicos da natureza somam força às questões dos valores morais, da cidadania, da justiça, da saúde, da pobreza, da igualdade e das diferenças de desenvolvimento, dentre muitas outras. Por isso, a Educação Ambiental implica em um sistema que leve em conta a sociedade e o espaço em que ela se insere.

No nosso entender, a maneira de agir dos multiplicadores do Projeto EmCantar contribuiu para enriquecer o debate e a prática socioambiental nas escolas parceiras. Porém, essa contribuição se dá no espaço restrito da oficina que, com exceção da escola Mário Porto, não atinge toda a comunidade escolar. A partir disso, entendemos que qualquer processo educacional que se proponha a construir práticas fundadas em valores e posturas éticas e comprometidas com o bem comum, precisa de tempo para acontecer e se solidificar. Envolver todos os setores da escola no sentido de pensarem coerentemente as ações socioambientais tem sido o grande desafio dos educadores participantes das oficinas do Projeto EmCantar.

Acreditamos que passos importantes foram dados desde o início do trabalho nas escolas; um bom exemplo foi a implantação da coleta de recicláveis. Na escola Mário Porto, a coleta completará dois anos em agosto e, nenhuma vez, os alunos foram incentivados a participar por meio de concursos, gincanas ou premiações. Os educadores se comprometeram a realizar um trabalho constante de sensibilização, dando exemplos pessoais e realizando momentos na escola com os catadores de recicláveis, para que estes pudessem relatar sua história de vida. Nas outras duas escolas que praticam a coleta (E.E. Enéias Vasconcelos e E.

M. Hilda Leão Carneiro), a coleta completará um ano e o Projeto EmCantar pretende, em agosto de 2005, estender essa idéia para mais quatro escolas parceiras.

Constatamos em nossa pesquisa que a idéia da parceria desenvolvida com escolas públicas avança com a intenção de convidar as pessoas a se posicionarem diante do mundo. Se estamos inseridos no modo de vida capitalista, precisamos tomar consciência das implicações disso para nossa vida pessoal e social. Na visão do Projeto EmCantar, não basta garantir uma posição profissional sem se envolver com as demais problemáticas de nosso tempo.

Para tanto, a postura dos educadores que atuam no ensino fundamental deve ser direcionada para a formação plena da pessoa, proporcionando visões de mundo que partam do raciocínio lógico-verbal, mas também atentem para outros aspectos da dimensão humana. E esses outros aspectos, quando vistos mais de perto, nos dão uma noção das potencialidades contidas no ser humano e que, na maioria das vezes, ficam adormecidos por não encontrarem espaços férteis para o seu florescimento.

Acompanhamos de perto alguns momentos em que ficou clara a ruptura com o formato mecânico-reprodutivista educacional, que encara os educandos como depósitos de informações, não lhes dando chance para participar do processo. Nas atividades que precederam a gravação do segundo CD, as crianças puderam conceber as músicas, entender a concepção dos arranjos de forma lúdica e prazerosa, antes de entrarem em contato com a parte técnica exigida pelo estúdio. Além disso, aquelas que não se sobressaíram na parte vocal (afinação), necessária para a realização de um solo musical, não deixaram de participar, fazendo parte do coro, no qual a vontade de participar prevalece, independentemente da falta de talento para cantar.

Nessa questão musical, a contribuição mais importante, a nosso ver, foi a construção de um movimento em que as pessoas refletiram sobre o espaço e perceberam formas distintas

de participação, tanto individual, quanto coletiva. Não se pode, com ações simplistas, resolver o problema do desmatamento e destruição do cerrado. Mas é possível, separando materiais recicláveis, contribuir na diminuição dos resíduos sólidos domiciliares que geram grandes problemas socioambientais como, por exemplo, os lixões a céu aberto. Essa ação está ao alcance de todos, assim como, no Projeto EmCantar, todas as pessoas que querem cantar, podem cantar, embora algumas se destaquem mais em virtude de talentos ditos inatos. O mesmo ocorreu com a produção dos desenhos animados, todas as crianças desenharam, mas aquelas que se detiveram mais nos traços, nas cores, que se concentraram mais, tiveram a oportunidade de conhecer de perto, o processo técnico de animação.

Esses exemplos reforçaram nossa hipótese de que é possível uma intervenção significativa da arte na educação, mas, respeitando a arte como uma linguagem universal, como fim em si mesma, inerente ao ser humano, independente de formato e técnica. A arte não pode existir no cotidiano escolar como uma “ferramenta ou recurso” para “colorir” as atividades do calendário de datas comemorativas. Do mesmo modo, as ações empreendidas para consolidar posturas socioambientais não podem ficar reféns de projetos governamentais e das datas comemorativas (dia mundial do meio ambiente, dia da árvore, dia da água, dia do cerrado etc.).

Verificamos também que, nos momentos de apresentação de resultados, como o espetáculo de lançamento do CD *Mutirão* e da exibição da fita de desenhos animados, a oportunidade de apresentar tais frutos aos familiares significou muito para as crianças; no caso das animações, ao serem projetadas na tela do cinema, elas reconhecerem os traços e as idéias trabalhadas no processo de criação.

Assim, entendemos que nas outras áreas do conhecimento, os educadores participantes deram um passo no sentido de conferir mais sentido ao que está sendo proposto aos educandos. E verificamos que, em muitos trabalhos desenvolvidos por eles no dia-a-dia,

noção de Educação Ambiental que se restringe em propor ações generalizadas, como evitar desperdícios, realizar palestras sobre a destruição da Mata Atlântica e da Amazônia, e outras atitudes repetitivas e vazias de significado que não causam nenhuma tomada de consciência das verdadeiras causas da problemática ambiental, mudou muito desde que se criou o espaço para despertar essa percepção.

Concluímos que o espaço escolar pode contribuir muito para uma nova concepção de educação pautada na perspectiva socioambiental. Para isso, os educadores precisam valorizar mais o trabalho desenvolvido por eles na escola e ampliar o debate para outros níveis da esfera educacional, problematizando os cursos de especialização que freqüentam e a real consistência que possuem, sem deixar de fora desse debate o espaço da educação superior, bem como não limitar a questão ambiental aos cursos de Geografia e Biologia.

Finalizamos nosso trabalho acadêmico com uma grande convicção no poder da vontade como motor de realizações pessoais e na coletividade como possibilidade para uma verdadeira prática socioambiental.

Terminamos a pesquisa acadêmica, mas as atividades encampadas pelo Projeto EmCantar em parceria com as escolas públicas, estão apenas começando. Além da previsão de ampliar a coleta de recicláveis, desde maio de 2005 estão sendo realizadas mais quatro oficinas de animação com os alunos das escolas municipais Afrânio Rodrigues da Cunha, Sérgio de Oliveira Marquez e nas estaduais Professora Alice Paes e Padre Mário Forestan. Na parte musical, o Projeto EmCantar planeja gravar seu terceiro CD em agosto de 2005 com a participação dos multiplicadores, alunos e educadores, envolvendo aproximadamente 340 pessoas. Devido à grande procura, as oficinas com educadores, serão finalizadas em novembro de 2005 e reiniciadas a partir de março de 2006.

Encerramos nossas considerações finais com uma poesia escrita por uma das educadoras²⁰ participantes do Projeto EmCantar, que reflete a dimensão poética causada por uma educação construída, vivenciada e não imposta “de cima para baixo”:

Sabores e Saberes

*Feche os olhos!
Respire bem fundo!
Pense nas batidas
do seu coração.*

*Sinta o cheiro!
Abra os olhos!
Agüece o paladar!
Venha guloseimas provar!*

Vamos brincar!

*Seja criança
outra vez!
jogue fora
sua timidez!*

*Fique bem perto!
Estamos aprendendo!
Escolha o melhor
E pratique certo*

*Que maravilha
Acordar, ver um lindo dia!
Despertar e aprender!
Conviver!*

*Como foi bom acordar
Para me EmCantar!*

O que presenciamos nas oficinas do Projeto EmCantar nos mostrou um processo educacional que busca promover um movimento diferente no espaço ocupado, reforçando nossa hipótese de que a construção ativa e criativa do conhecimento é um caminho possível para efetivar uma cidadania verdadeiramente socioambiental.

²⁰ Joana Darc Ferreira Barbosa, professora na escola estadual Tubal Vilela.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. F. **Do lixo à cidadania**: estratégias para ação. Brasília: Caixa, 2001.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

ANDRADE, S. A. A mitologia das coisas. **Bravo**, São Paulo, n. 55, p. 106-108, abr. 2002.

BOFF, L. **Do iceberg à arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamoud, 2002.

_____. **Saber cuidar**. ética do humano: compaixão pela terra. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

CALDAS, S. T. Silêncio na mata. **Os caminhos da Terra**, São Paulo, n. 9, p. 32-41, set. 2001.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARO, T. L. **Antologia de textos de Epicuro**. Tradução de Globo S/A. In: **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Da natureza**. Tradução de Editora Globo S/A. In: **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CASTORIADIS, C.; COHN-BENDIT, D. **Da ecologia à autonomia.** Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHRISPINIANO, J. Ém-Bi- Ei: o mercado mandando na escola. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 17, p. 25, dez. 2004.

DAMIANI, A. L. Geografia política e novas territorialidades. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 17-26.

FON, A. C. Saqueadores biológicos. **Os caminhos da Terra**, São Paulo, n. 10, p. 59-64, out. 1999.

FONTENELLE, I. A. **O nome da marca:** McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Política e educação.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra.** 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).

GIOIELLI, R.; BERTOLUCCI, J. Quando o ensino é uma mercadoria: proliferam escolas em que o lucro é mais importante que a educação. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 9, p. 25, dez. 2004.

LACOSTE, Y. **A geografia- isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução Maria Cecília França. 6. ed. Campinas: Papirus, 2002.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2. ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOPES, J. **Pega teatro**. Campinas: Papirus, 1989.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000. Tradução de: L' intelligence de la complexité.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8. ed. São Paulo: Cortez; 2003.

OLIVEIRA, N. R. Reflexões sobre a educação danificada. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. (Org.). **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Carlos: UFSCAR, 1998. p. 13-42.

PLATÃO. Diálogos. In: **Coleção Pensadores**. Tradução de José Cavalcante de Souza São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. Defesa de Sócrates. In: **Coleção Pensadores**. Tradução de editora Cultrix. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

RODRIGUES, A. M. Geografia e violência urbana. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 77-86.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa T. D. O. Fronterrada. 4. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

SERRES, M. **O contrato natural**. Tradução de Beatriz Sindoux. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. de F.; FREITAS, N. E. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos:** projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2004.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física(?) Geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente(?). In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.** Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p.121.142.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VESENTINI, J .W. Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil.
_____.(Org.). **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas: Papirus, 2004. p. 119.248.

_____. A formação do professor de geografia: algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 235.240.

_____.(Org.). **Geografia e ensino:** textos críticos. 6. ed. Campinas: Papirus, 2002.

VLACH, V. R. F. O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica.In:
VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas: Papirus, 2004. p.187.217.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido:** uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

ANEXOS

Anexo A

Depoimento sobre a realização do CD EmCantar

“Há 10 anos a música brasileira tem sido decisiva em minha vida e, com ela, o sonho de ver prosperar em nossa sociedade o amor pelas coisas da gente, da nossa terra. Em dezembro de 1996, comecei a reunir crianças na cidade de Araguari, Minas Gerais, para cantar música brasileira. Cantar de maneira espontânea, despojada dos moldes de corais tradicionais. Simplesmente cantar, com o jeito próprio da criança, escancarando o peito; fora do tom ou do tempo; com voz tímida, rouca ou trêmula, mas cantar. Permitir expor-se para perceber-se individual e coletivamente, comungando de uma das maiores dádivas do criador: a música, uma visita a quem a alma sempre abre a porta.

Com a visibilidade e crescimento do Projeto EmCantar, fui convidado pela Engeset (empresa na qual trabalho desde fevereiro de 1994) para desenvolver, com os filhos dos associados (funcionários), o trabalho do Projeto EmCantar, aliado à política de qualidade ambiental – ISO 14.001 – da empresa. Com o apoio da área de talentos humanos, juntei as crianças de Araguari às de Uberlândia e começamos. Além delas, participaram associados e cônjuges. Nossos encontros se tornaram verdadeiras aulas sobre meio ambiente. A motivação foi o prazer em cantar. E o resultado culminou na gravação do CD EmCantar, cujo objetivo é um alerta e, ao mesmo tempo, um chamado à responsabilidade de todos para com o meio ambiente.

Coincidentemente, as gravações iniciaram-se no Dia da Árvore (21 de setembro) e estenderam-se por toda a primavera, ao som dos passarinhos, da chuva e do vento. Embalados pelo encanto da música, nos envolvemos intensamente e deixamos uns nos outros um pouco de cada um. O CD EmCantar é a síntese da história de tudo aquilo que nos formou até este momento. Por isso, o dedicamos a todas as pessoas que, por acreditarem, lutam pelo respeito à natureza, ao ser humano e à cultura como expressão da alma do povo”.

Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim)
Dezembro de 1999

Anexo B

Informações sobre o Instituto Algar de Responsabilidade Social

O grupo brasileiro Algar trabalha sistematicamente na busca da melhoria, desenvolvimento e sustentabilidade das regiões em que atua. Em mais de meio século de empreendimentos em diversos segmentos, o conglomerado empresarial mantém vivo os objetivos e ideais de seu fundador, Alexandrino Garcia. Neles, a responsabilidade social avança e permeia todos os públicos de seu relacionamento: clientes, talentos internos, comunidades, fornecedores, governo, concorrentes, instituições e meio ambiente. Seguindo esta missão, o Instituto Algar de Responsabilidade Social foi criado em 2002 com o objetivo de orientar, acompanhar e aferir os resultados das ações sociais desenvolvidas pelas empresas do Grupo.

O foco escolhido para os projetos sociais da Algar foi “educação de ensino fundamental”. Desta forma, as empresas do grupo investem constantemente em projetos que beneficiam 36.495 alunos, 1.406 professores e 104 técnicos por ano. No ano passado cerca de R\$ 1,3 milhão foi o montante investido pela Algar em ações sociais.

O Instituto assume também o papel de educador e difusor das diretrizes de responsabilidade social do grupo Algar, tanto para o público interno quanto para a comunidade.

Por meio de parcerias com escolas públicas e entidades de educação de crianças são desenvolvidas atividades de formação continuada de professores, educação ambiental, incentivo à leitura, além do resgate da memória local e da cultura popular regional, utilizando o computador e o jornal como recursos pedagógicos. Destes projetos, 14 são desenvolvidos pelos comitês de voluntariado do Grupo que, só em 2004, tiveram a participação de 372 associados (como são chamados os funcionários) como voluntários.

De acordo com a diretora do Instituto, Eliane Garcia Melgaço, com um foco bem definido é possível concentrar melhor os recursos, aumentar as possibilidades de formação de parcerias e com isso aumentar os resultados. “Só assim conseguimos promover as mudanças que almejamos. Nosso papel é ser parceiro do governo e da sociedade civil na melhoria da qualidade da educação brasileira. Nossos desafios são de escala e, por isso, precisamos agir juntos e em sintonia”.

Anexo C

Oficinas com a comunidade

Pessoas que interessam-se em conhecer melhor e participar das ações do Projeto EmCantar são convidadas a ingressar nas Oficinas com a Comunidade. Nestas oficinas, que são gratuitas e ocorrem uma vez por semana nas cidades de Araguari (espaço físico cedido pela Sociedade São Vicente de Paula) e Uberlândia (espaço físico cedido pela Secretaria Municipal de Cultura e outro cedido pelo SESC-MG), são realizadas atividades que envolvem brincadeiras, cantorias, percussão, leituras, reflexões, debates, exibição de filmes, coleta de recicláveis etc. Todas essas atividades, empreendidas por multiplicadores do Projeto

Em Cantar, são planejadas a partir de cada uma de suas diretrizes com o intuito de promover a integrantes acima de seis anos de idade um processo de formação humana alegre e comprometido com uma responsabilidade socioambiental.

Por meio da diversificação de linguagens artísticas como a música, o trabalho de corpo, a poesia, as artes visuais etc., a oficina é o momento em que as pessoas encontram-se para compartilhar e construir juntas, segundo o ritmo de cada uma, sua própria formação.

As Oficinas com a Comunidade acontecem durante todo o ano letivo e podem ser conhecidas nos seguintes grupos:

Cantadores do Vento (Uberlândia)

Bichos do Mato (Araguari)

Anexo D

Realizações do Núcleo de estudo em pesquisa em cultura popular

Formação de um grupo permanente de estudo e pesquisa em Cultura Popular; Construção de um acervo fotográfico e audiovisual de manifestações culturais de Uberlândia e região;

Parceria com escolas públicas de Uberlândia para a disseminação de uma *Nova Cultura Escolar*, em que estejam mais presentes a cooperação, a vontade, a arte e a responsabilidade com o meio;

Produção dos documentários:

“A Escola em que Moro”, sobre o bairro Patrimônio, de Uberlândia-MG (2003);

“Reis de Contas”, sobre o movimento da Congada na região do Triângulo Mineiro (2003);

“Charqueada: Vida Salgada no Tempo”, sobre o morador de Uberlândia Geraldo Miguel, de 102 anos de idade, filho de ex-escravos (2003);

“Afagar a Terra, Fecundar o Som...”, sobre o cantor e compositor Pena Branca (2003); “dos Reis, dos Santos, da Silva... a Folia.”, sobre o movimento de Folia de Reis em Uberlândia e região (2002);

"Vida de... Lixo de...", sobre o cotidiano de uma catadora de material reciclável de Uberlândia. Participante do IV Festival Internacional de Cinema Ambiental - FICA (2002).

Anexo E

Participação dos desenhos animados em festivais

- Cine Amazônia - 2ª Mostra Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Novembro/2004).
Animações selecionadas: "Arve" e "Cadê?"
- 14º Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro - CURTA CINEMA 2004
(Dezembro/2004)
Animações selecionadas: "Feito Borboleta" e "Cadê?"
- EcoCine - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Junho/2005)
Animações selecionadas: "Feito Borboleta"
- Anima Mundi - 13º Festival Internacional de Animação do Brasil (Julho/2005)
Animações selecionadas: "Arve" e "Cadê?" (categoria Futuro Animador)
- 6º Festival de Inverno de Bonito/MS (Julho/2005)
Animações selecionadas: "Arve", "Feito Borboleta" e "Cadê?"
- www.curtagora.com - Curtagora - O espaço do áudio-visual na Internet (Mostra permanente)
Animações selecionadas: "Arve", "Feito Borboleta" e "Cadê?"

Anexo F

Depoimentos de professores

“Ambiente! Natureza! Preservação! Consciência! São significativas palavras citadas em relação ao que vi na visita à Capim Branco (Usina Hidrelétrica). Perdas irreparáveis para todos os tipos de biodiversidade. As gerações futuras terão contato com este ambiente somente na história e documentários. Extingue-se mais uma vez várias espécies.”

Ana Lúcia Dias. E.E. Mário Porto

“O trabalho de campo foi algo inesquecível. Foi maravilhoso ver o curso do rio seguindo seu rumo. Por outro lado é lamentável ver que todo aquele ecossistema está sendo modificado e que essa mudança será devastadora ao meio ambiente. Prejuízos à natureza estão sendo cometidos em nome de geração de energia, mais empregos...

Deixo registrada minha indignação contra todo esse sistema que destrói, acaba, condena à extinção animais, plantas e todas as espécies que dependem do rio para existir.”

Valderez Aparecida. E.M Sérgio Oliveira Marquez

“É impressionante observar o poder do capitalismo, cada vez mais crescente, pois é em nome dele que a natureza está cada vez mais agredida. É preciso fazer alguma coisa antes que seja tarde.”

Maria Anália do Carmo Vieira. E.E. Padre Mário Forestan

Se formos avaliar são os grandes prejuízos que o homem vem fazendo ao meio ambiente: destruindo matas, afastando a fauna e flora de uma região, construindo represas para beneficiar pequenos grupos.

Maria Francisca de Araújo. E.M. Dom Bosco